



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS MÉDICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA



YURI HENRIQUE RODRIGUES DAMASCENO

**Construindo sentidos sobre HIV/AIDS e saúde através do cinema
brasileiro: “infecções em ficções”**

RECIFE
2025

YURI HENRIQUE RODRIGUES DAMASCENO

**Construindo sentidos sobre HIV/AIDS e saúde através do cinema
brasileiro: “infecções em ficções”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Área de Concentração: Saúde Coletiva

Linha de Pesquisa: Ciências Sociais e Humanas em Saúde

Orientadora: Camila Pereira Abagaro

Coorientadora: Keila Silene de Brito e Silva

RECIFE

2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Damasceno, Yuri Henrique Rodrigues.

Construindo sentidos sobre HIV/AIDS e saúde através do cinema brasileiro: "infecções em ficções" / Yuri Henrique Rodrigues Damasceno. - Recife, 2025.

73f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva.

Orientação: Camila Pereira Abagaro.

Coorientação: Keila Silene de Brito e Silva.

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. HIV; 2. AIDS; 3. Cinema; 4. Saúde Coletiva. I. Abagaro, Camila Pereira. II. Silva, Keila Silene de Brito e. III. Título.

UFPE-Biblioteca Central

YURI HENRIQUE RODRIGUES DAMASCENO

**Construindo sentidos sobre HIV/AIDS e saúde através do cinema
brasileiro: “infecções em ficções”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Área de Concentração: Saúde Coletiva

Linha de Pesquisa: Ciências Sociais e Humanas em Saúde

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Camila Pereira Abagaro
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
(Orientadora)

Francisco Gleidson Vieira dos Santos
Universidade Estadual Vale do Aracá (AVA)
(Examinador Externo)

Sandra Valongueiro Alves
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
(Examinadora Interna)

Dedicatória

Dedico esta dissertação a três mulheres pretas que, mesmo sem terem pisado na universidade, carregam grande responsabilidade pela minha permanência nela. Elas são Elizete, Solange e Tânia — as que eu chamo, respectivamente, de vovó, mamãe e tia.

“Não quero viver obrigado à obediência a nenhuma ideia de nação, pátria, partido, igreja ou grupo. Quero viver de acordo com princípios democráticos fundados na solidariedade, na liberdade, igualdade, participação e diversidade.”

Herbert de Souza, o Betinho, 1991

“Os filmes de ficção são os melhores documentários.”

Retratos Fantasma, Kleber Mendonça Filho, 2024

RESUMO

As transformações científicas e políticas nas últimas décadas levaram o HIV/AIDS a um cenário diferente do seu surgimento no início dos anos de 1980 no Brasil. De uma infecção desconhecida e incontrolável, que resultou em numerosas mortes, o fenômeno hoje tem uma resposta efetiva por meio das tecnologias biomédicas e uma extensa mobilização social, permitindo não apenas a manutenção da vida das pessoas que vivem com HIV/AIDS (PVAH), mas a prevenção de toda uma sociedade. Essas mudanças conferem ao fenômeno a condição de “dispositivo”, onde a questão não se encerra no componente biológico, pois se criam formas de vida e maneiras de se falar, reproduzir e lidar com o HIV/AIDS, em que se operam saberes e relações de poder. Tais manifestações são traduzidas na linguagem e na cultura de diversas maneiras e com diferentes propósitos, a partir de artifícios como a imagem e o som, seja para contar histórias envolventes, elaborar os acontecimentos, informar o público, reforçar narrativas hegemônicas ou mesmo subvertê-las. A arte cinematográfica é uma das expressões onde as histórias sobre o HIV/AIDS circulam e impactam o espectador, corroborando em representações sobre a saúde e a doença. Desse modo, o presente estudo, no campo das ciências sociais e humanas em saúde, teve por objetivo a aproximação com uma ficção do audiovisual brasileiro para a prática de construção de sentidos acerca do HIV/AIDS e da saúde. O filme escolhido foi *Os primeiros soldados* (2021), cuja narrativa trata da chegada do HIV/AIDS na cidade de Vitória, no Espírito Santo, afetando a vida de três personagens, que agenciam a situação frente ao desconhecido. A partir da análise do enredo, foi possível identificar as representações do HIV/AIDS no filme, que ambienta o cenário de surgimento da epidemia nos anos de 1980, possibilitando contrastes com a realidade contemporânea. O filme aborda ainda a coexistência entre as vivências de estigma e as práticas de resistência e solidariedade, fenômenos que compõem concomitantemente a trajetória do HIV/AIDS e das populações vulneráveis de maneira geral. O uso e atributo das imagens no contexto de divulgação dos fenômenos relacionados à ciência e saúde é outro ponto enfatizado na obra filmica, que ressalta a comunicação audiovisual como estratégica e aliada. Por fim, os resultados apontam uma obra com foco nos processos psicossociais, como os fatores emocionais e relacionais, mobilizados diretamente pela vivência de adoecimento dos personagens. A aproximação desse estudo no campo da saúde soletiva com as práticas culturais chama atenção de outros possíveis caminhos e respostas que ampliam o conhecimento sobre o HIV/AIDS e os cuidados em saúde, superando o paradigma biomédico e complementando o saber científico, bem como instiga para outras formas de se falar desses fenômenos na produção artística e cultural do cotidiano.

Palavras-Chave: HIV. AIDS. Cinema. Saúde Coletiva.

ABSTRACT

Scientific and political transformations in recent decades have led HIV/AIDS to a different scenario from its emergence in the early 1980s in Brazil. From an unknown and uncontrollable infection that resulted in numerous deaths, the phenomenon today has an effective response through biomedical technologies and extensive social mobilization, enabling not only the maintenance of life for people living with HIV/AIDS (PLWHA), but also the prevention of infection across society. These changes confer upon the phenomenon the condition of a “dispositive,” in which the issue is not limited to the biological component, as new ways of living and speaking, reproducing, and dealing with HIV/AIDS are created, shaped by specific knowledge and power relations. Such manifestations are translated into language and culture in various ways and for different purposes, through devices such as image and sound—whether to tell engaging stories, elaborate on events, inform the public, reinforce hegemonic narratives, or even subvert them. Cinematic art is one of the forms through which stories about HIV/AIDS circulate and impact the viewer, contributing to representations of health and illness. Thus, this study, in the field of social and human sciences in health, aimed to explore a piece of Brazilian audiovisual fiction as a practice for constructing meanings around HIV/AIDS and health. The chosen film was *Os primeiros soldados* (The First Soldiers, 2021), whose narrative portrays the arrival of HIV/AIDS in the city of Vitória, in the state of Espírito Santo, affecting the lives of three characters who manage the situation in the face of the unknown. Through the analysis of the plot, it was possible to identify representations of HIV/AIDS in the film, which sets the scene during the emergence of the epidemic in the 1980s, allowing for contrasts with contemporary realities. The film also addresses the coexistence of experiences of stigma and practices of resistance and solidarity—phenomena that simultaneously shape the trajectory of HIV/AIDS and that of vulnerable populations more broadly. The use and role of images in disseminating phenomena related to science and health is another key aspect emphasized in the film, which highlights audiovisual communication as both a strategic and allied tool. Finally, the results point to a work focused on psychosocial processes, such as the emotional and relational factors directly mobilized by the characters' experience of illness. This study's approach, situated in collective health and intersecting with cultural practices, points to other possible pathways and responses that expand knowledge on HIV/AIDS and health care, going beyond the biomedical paradigm and complementing scientific understanding, as well as encouraging new ways of discussing these phenomena in everyday artistic and cultural production.

Keywords: HIV. AIDS. Cinema. Collective Health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Filmes brasileiros cujas narrativas se relacionam com o tema do HIV/AIDS.	24
Figura 2 Pôster do filme.	31
Figura 3 Abertura do filme.	34
Figura 4 Rose descendo do ônibus, aos berros.	37
Figura 5 Rose e Suzano tomam notas sobre as manchas de Humberto, enquanto eram filmados.	42
Figura 6 Suzano busca os medicamentos enviados por Adrian, da França.	47
Figura 7 Suzano faz pose para registro fotográfico, destacando o sarcoma.	9

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	14
2.1 O HIV/AIDS COMO UM DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE.....	14
2.2 A DIMENSÃO PSICOSSOCIAL DO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA.....	18
2.3 LUZ, CÂMERA E AÇÃO: A SAÚDE COLETIVA E O HIV/AIDS EM CENA....	20
3 JUSTIFICATIVA.....	29
4 OBJETIVOS.....	30
4.1 OBJETIVO GERAL.....	30
4.2 OBJETIVO ESPECÍFICO.....	30
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	31
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	34
6.1 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS DAS REPRESENTAÇÕES DO HIV/AIDS...	35
6.2 ENTRE O ESTIGMA E A SOLIDARIEDADE: CONVERGÊNCIAS EM MEIO A DIVERGÊNCIAS.....	40
6.3 AS IMAGENS QUE INFORMAM E COMUNICAM SOBRE CIÊNCIA E SAÚDE.....	44
6.4 OS PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DO ADOECIMENTO.....	48
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55
ANEXO.....	70
APÊNDICE A - DECOMPOSIÇÃO DA NARRATIVA.....	70

1 INTRODUÇÃO

O HIV é o vírus da imunodeficiência humana, que ataca o sistema imunológico. Trata-se de uma infecção sexualmente transmissível que, quando não tratada, pode evoluir para a AIDS, a síndrome da imunodeficiência adquirida. O surgimento do HIV/AIDS foi permeado de medo e discriminação ao ser associado à promiscuidade e ao castigo moral no início da década de 1980, período caracterizado por muitas mortes decorrentes de uma infecção incontrolável.

A resposta institucional ao HIV/AIDS no Brasil teve início com a Portaria de nº 236, de 2 de Maio de 1985, que instituiu o Programa de Controle da AIDS, estabelecendo as primeiras diretrizes e normas para o enfrentamento da epidemia no país em nível federal. A iniciativa foi impulsionada por setores da sociedade civil, como as Organizações Não-Governamentais e a comunidade científica, fundamentados no princípio da solidariedade, visando a garantia e preservação da cidadania das pessoas infectadas. Esse ponto de partida na esfera governamental culminou, em 1988, na criação do Programa Nacional de DST/AIDS (Souza *et al.*, 2010).

As décadas seguintes foram marcadas por descobertas científicas, práticas ativistas e atuações profissionais no campo da saúde pública, o que resultou em avanços significativos na prevenção e no cuidado relacionados ao HIV/AIDS. Esses progressos possibilitaram a transformação da infecção fatal em uma condição possível de conviver, graças ao uso de preservativos, antirretrovirais e estratégias de profilaxia disponibilizados gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Diante disso, o cenário veio a ganhar outros contornos agenciado por medicamentos e tecnologias preventivas, resultando na permanência da vida ainda que com o vírus. Essa passagem sinaliza o componente histórico e político que atravessa o HIV/AIDS, um fenômeno preenchido de processos inacabados, cujas práticas e discursos são difundidos e condicionados pelo contexto social.

É possível constatar isso em tempos de crise, quando as respostas ao HIV/AIDS são diretamente ameaçadas. As políticas de austeridade, a fragilização das políticas sociais, os valores conservadores e o subfinanciamento do SUS foram alguns desafios que puseram em risco não apenas o aprimoramento das respostas ao HIV/AIDS, mas a sua própria existência. Durante a pandemia da COVID-19, situações como a escassez de medicamentos, as barreiras de acesso e o recrudescimento do estigma foram episódios marcantes no contexto do HIV/AIDS. Situações essas que alertam para uma construção integral (técnica, política e

social) da resposta, com novas estratégias que não se restrinjam aos enfrentamentos biomédicos e às instâncias estatais (Agostino *et al.*, 2019; Cádernas, 2022).

Dito isso, ainda que considerando esses diversos avanços políticos e científicos, é comum o fenômeno do HIV/AIDS estar permeado de desinformação, pânico e preconceito. Os meios de comunicação têm ocupado forte papel na construção das representações da infecção através de imagens e discursos, que se perpetuam no cenário social. Na esfera cultural, o HIV/AIDS ganhou grande repercussão desde o seu surgimento, com registros diversos pelos campos do cinema, das artes visuais, da literatura e da música (Carvalho, 2008; Inácio, 2016; Filho, 2021). Seja no desenvolvimento de histórias, na ilustração de imagens ou ao cantar as experiências, a cultura foi assumindo formas, perspectivas e desfechos acerca do HIV/AIDS, reproduzidos de maneira contínua em sociedade.

Dentre as práticas artísticas e culturais, destaca-se o cinema como influente difusor de significados atrelados ao HIV/AIDS, cuja geração de imagens e narrativas acerca do corpo, da identidade e da saúde de pessoas vivendo com o vírus recaem em concepções que pouco se aproximam dos rumos tomados pelo conhecimento científico (Campos; Coelho, 2011). Esses processos convocam a convergência entre a ciência, a cultura e a sociedade, demandando uma abordagem sobre o HIV/AIDS que combata a estigmatização e a desinformação ainda presentes, sem impor maneiras engendradas de olhar e fazer arte, que necessariamente se alinhem à noção de “verdade” própria das ciências da saúde.

De fato, as imagens do cinema formam um discurso que contribui para a construção de significados sociais e para a consolidação do imaginário social, dinamizando a aprendizagem e atuando como artefato cultural de ordem simbólica. A reprodução de imagens cotidianas no cinema pode servir para a construção de verdades, o que implica numa análise dos filmes que desnaturaliza as imagens e estimula a criticidade (Pires e Silva, 2014). Nessa perspectiva, ao explorar dilemas éticos, sociais e científicos caros ao campo da saúde, o cinema pode estabelecer um diálogo estreito com a área de saúde coletiva. Essa conexão permite que novas narrativas sobre saúde e doença sejam elaboradas, indo além das perspectivas hegemônicas adotadas, ao mesmo tempo que cria oportunidades de educação e promoção da saúde de maneira sensível e acessível.

Considerando a importância de complementar as respostas técnicas, a presente pesquisa aposta na força do contato com as práticas culturais como alternativa possível de respostas e agenciamentos frente ao HIV/AIDS pela saúde coletiva. A interação com os estudos culturais, frequentemente aplicada em pesquisas na comunicação social e nas ciências sociais, oferece um potencial significativo para ampliar a compreensão e auxiliar nas

intervenções dentro desse tema. É apostando na potência dessa abordagem que a saúde coletiva abrange a imagem e a ficção como ferramentas de aprendizado, levantamento de dados qualitativos e busca de soluções teórico-práticas. Investigar as manifestações do adoecimento, os determinantes sociais e as práticas de cuidado traduzidas e difundidas em imagem e som leva a uma ampliação dos lugares possíveis de se chegar na saúde coletiva e na Saúde Pública, para o enfrentamento de desafios cotidianos.

Dessa maneira, o estudo potencializa o uso da ficção e da sétima arte como ferramentas para a compreensão das representações, dos fatores psicossociais e do processo saúde-doença no contexto do HIV/AIDS, por meio da análise do filme brasileiro *Os primeiros soldados* (2021), cuja narrativa se constrói em torno dessa temática. Na presente dissertação, o HIV/AIDS é percebido à luz da noção de “dispositivo da sexualidade” (Foucault 2008), compreendida como articulação entre saber e poder que contribui para cristalizar maneiras de se relacionar com o tema, gerando desafios que se perpetuam ainda hoje, mesmo diante dos avanços científicos e das conquistas políticas. A dimensão psicossocial da saúde (Spink, 1992; Paiva, 2013) é acionada como eixo teórico, possibilitando uma abordagem que reconhece a cena cultural como estratégica para o entendimento de sentidos e significados que não apenas revelam as relações sociais, como também as constituem.

As reflexões e elucidações advindas do pensamento social abrem portas para diversas formas de imersão em objetos científicos, ampliando os entendimentos e favorecendo alguns avanços, alinhados aos estudos e ativismos no campo do HIV/AIDS e da saúde coletiva no Brasil. Levar o sanitarista ao cinema - ou trazer o audiovisual para o campo da saúde coletiva - é uma ação importante para o fortalecimento de articulações entre saúde e sociedade, reconduzindo rotas para outros caminhos possíveis e potentes.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 O HIV/AIDS COMO UM DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE

De acordo com Michel Foucault, no primeiro volume da trilogia “História da Sexualidade”, a partir do século XVII iniciou-se um processo crescente de proliferação de discursos sobre o sexo influenciados por uma moral repressiva, que impôs múltiplas contenções aos desejos e às práticas sexuais. O celibato, as práticas contraceptivas e o formato de conjugalidade são exemplos de modos de controle por instituições como a família, a escola e o Estado. Desse modo, estabeleceu-se a tese da relação entre sexo e poder, já que através desse se daria o exercício e manejo da sexualidade (Foucault, 2008).

Essa explosão discursiva em torno do sexo despertou interesse dos governos e da Saúde Pública, tornando-o negócio de Estado e desvelando a formação de um saber submetido a relações de poder, como lembra Oliveira (2016). Para além de uma demanda de natureza biológica dos corpos, o fenômeno da sexualidade se expressa como um campo de conhecimento operado por práticas estratégicas e funções específicas que dominam a vida cotidiana. É nesse sentido que se pode falar em “dispositivo da sexualidade” (Foucault, 2008), isto é, um conjunto de mecanismos de controle e disciplinarização dos corpos voltados à regulação da sexualidade.

Alinhados, saber e poder atuam de maneira disciplinar para estratégias de pedagogização, socialização e psiquiatrização do sexo, perceptíveis nas formas como a política e a medicina historicamente exerceram vigilância, categorização, controle e tratamento das práticas sexuais. Se, por um lado, a “ciência da sexualidade” contribuiu nas boas condições de saúde e na busca de um funcionamento social, por outro, consolidou vantagens às classes dominantes e atribuiu a certos corpos a condição de perigosos (Oliveira, 2016).

Na sistematização de um controle das vivências sexuais, se produzem tramas que reforçam modelos de vida e de prazer, ao passo que negam e marginalizam outros. Para Sales (2022), o HIV e a AIDS atuam como dispositivos, já que, além de componentes biológicos (vírus e síndrome, respectivamente), assumem a condição de um fenômeno transformador, de natureza histórica e permeado de moralidades dentro da esfera sexual, influenciando diretamente na experimentação do mundo e da saúde. A condição de dispositivo tornou o território do sexo associado a lugar de morte, doença, infecção e perversidade. O HIV/AIDS,

em outras palavras, é o estigma da sexualidade, do corpo e dos modos de prazer das populações vulneráveis.

O HIV/AIDS, desde o seu surgimento na década de 1980, desenvolveu-se de maneira desigual, afirma Bastos (2006). Não pelo vírus, que tinha um único propósito: persistir, se perpetuar no organismo que parasita, encontrando viabilidade e boa capacidade de veiculação no hospedeiro humano. Por outro lado, a sociedade foi seletiva ao desperceber os primeiros casos no continente africano, uma vez que a opinião pública e a ciência ocidental vieram a reconhecer o impacto apenas com a migração para o continente americano. Essa passagem, lembra o autor, foi marcada pelo desenvolvimento de “fábulas”, que criaram relações equivocadas entre o HIV/AIDS e os “4H”: homossexuais, haitianos, hemofílicos e os “heroínômanos” (usuários de heroína), culminando em hierarquias raciais e sexuais¹. Os equívocos foram danosos para a verdadeira compreensão do fenômeno, que se revestiu de julgamentos morais e religiosos contra práticas e comportamentos, estigmatizando populações e dificultando a resolução de problemas.

A sociedade civil teve papel fundamental na pressão pelas respostas das políticas públicas e pela mobilização de pessoas vivendo e convivendo com o HIV/AIDS face ao estigma, com destaque para as chamadas “Organizações Não-Governamentais (ONG) da AIDS” (ONGs AIDS), de acordo com o Valle (2018). Ao acompanhar o percurso do “ativismo biossocial” brasileiro, o autor constata a solidariedade, os afetos e a produção cultural que contribuíram na construção de uma política de memória e de um conhecimento ativista, que serviram como formas de lidar com as perdas e de resguardar a sobrevivência. Embora marcada por momentos de parcerias e de tensões, a relação entre ativismo e Estado brasileiro resultou no cenário atual das políticas públicas de resposta ao HIV/AIDS, que se tornou referência internacional.

A Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) é uma das organizações de destaque que compõem o ativismo brasileiro frente à epidemia. Os seus integrantes, Richard Parker e Herbert Daniel (2018), discutiram sobre a “terceira epidemia”, que marcou a história social do HIV/AIDS. Segundo eles, a epidemia da AIDS foi composta de três fases: a primeira foi da infecção silenciosa pelo HIV, a segunda foi da síndrome das doenças infecciosas em decorrência da imunodeficiência (a AIDS, convictamente) e a terceira foi a epidemia das reações sociais. Essa última, a mais explosiva de todas, foi fundada a partir do

¹ A sexualidade, nas sociedades modernas ocidentais, tendem a ser estratificadas a partir de um sistema hierárquico de valor, em que as relações heterossexuais monogâmicas ocupam o topo da pirâmide, em detrimento do comportamento sexual de gays, lésbicas, transexuais/travestis e prostitutas. Para maiores detalhes, consultar Rubin (2003).

medo, da culpabilização e da acusação, em decorrência da desinformação e da distorção, que deram origens a episódios de opressão e desumanização. De maneira precoce, já circulavam as equivocadas imagens e concepções da AIDS nos meios de comunicação e, por conseguinte, na vida cotidiana.

Durante os anos 80, foi rotulada como “praga gay” ou “câncer gay” disseminadas pelos ricos viajantes com comportamento promíscuo. Posteriormente, ligada à marginalidade social e moral de prostitutas, presidiários, travestis/transsexuais e usuários de drogas. O contágio, a incurabilidade e a fatalidade se tornaram características da AIDS, relacionadas à transgressão e às práticas imorais. Assim, a AIDS tornou-se uma evidência para a legitimação da exclusão de grupos já estigmatizados, criando um discurso moral que reforçaram a discriminação (Daniel; Parker, 2018).

Após a turbulenta década de 80, a epidemia de AIDS passou por diversos avanços e transformações políticas e científicas. Com o ativismo já consolidado nos anos de 1990, impulsionou-se a criação do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o HIV/AIDS (UNAIDS)², em 1996, para auxiliar na resposta em nível global. A partir disso, foi possível o acesso universal à Terapia Antirretroviral (TARV)³ para um tratamento eficaz para a AIDS.

Para Parker (2003), o estigma social e a ausência da intersetorialidade marcaram problemáticamente a resposta inicial brasileira à epidemia instaurada. Isto é, a resistência social em enxergar a questão do HIV/AIDS como problema de saúde pública por aparentemente afetar uma “pequena minoria”, junto à tendência de conceber essa discussão como pauta exclusivamente médica, levou a iniciativas pontuais, centralizadoras e fragmentadas.

Na década de 2000, a prevenção do HIV foi incorporada ao SUS com uma resposta biomédica efetiva. No entanto, a crescente ênfase na medicalização levou a despolitização das campanhas voltadas à prevenção. A partir de 2010, surgiram as metas e promessas do fim da AIDS, mesmo que também fosse perceptível a dificuldade com o acesso aos medicamentos e à prevenção para toda a população. O movimento conservador que se expandiu nesta década pode ter reforçado a perspectiva individualizante que responsabiliza a pessoa pela própria prevenção e cuidado. Os avanços continuaram surgindo na esfera

² Criado globalmente em 1996, e com representação no Brasil desde 2002, a UNAIDS atua em estreita colaboração com os governos federal, estaduais e municipais, organizações da sociedade civil (OSC), redes de pessoas vivendo com HIV/AIDS, instituições acadêmicas e outras organizações parceiras.

³ Medicamentos usados para tratar a infecção pelo HIV. A zidovudina (AZT) foi o primeiro antirretroviral aprovado e comercializado.

biomédica ao fim dos anos de 2010, como as profilaxias de exposição⁴, que vieram a compor o modelo da prevenção combinada⁵. Até que em 2020, a AIDS dividiu espaço com a COVID-19, perdendo sua prioridade na cena global, período que destacou a biomedicina como fonte de respostas fundamentais (Calazans; Parker; Terto Junior, 2022). Apesar das conquistas biomédicas para controle da infecção, é importante ressaltar que as incidências continuam e os dados ainda preocupam: foram notificados 38 mil novos casos de AIDS em 2023, no Brasil, por meio do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), de acordo com o último Boletim Epidemiológico de HIV/AIDS (Ministério da Saúde, 2024).

Para Pelúcio e Miskolsi (2009), a sentença de morte que antes caracterizava a AIDS deu lugar à noção de “doença crônica”, ganhando contornos menos marcados pelo pânico. Nessa perspectiva, outras prescrições disciplinares são criadas e novas formas de controle são atualizadas no momento “pós-AIDS”. De fato, não há mais aquela assombração inicial pela letalidade, mas a condição ainda é permeada de pavores sociais. A experiência de viver com o HIV é preenchida de vergonha e atribuída como consequência de um ato irresponsável e poluidor. Marcados pela impureza e pela culpa, acusados de fontes de sua própria infecção, os sujeitos têm seus desejos tomados como ameaçadores da ordem social. Como bem coloca os autores, “o sangue como substância impregnada de significados simbólicos determinaria a pureza assim como a sujeira do sujeito, funcionando como um operador das hierarquias de tipos humanos” (2009, p. 133). Os tratamentos e a prevenção foram efetivados, mas o estigma não foi eliminado.

De acordo com Ayres (2022), o enfoque na “biomedicalização” para a resposta ao HIV/AIDS precisa ser enfrentado, isto é, a conformação de que basta a incorporação de tecnologias de manejo dos processos vitais por si só. Isso não implica na demonização das tecnociências e do uso dos medicamentos, já que resguardam vidas e impedem proliferações, mas em perceber que a existência desses recursos não resolvem a questão isoladamente, pois se desconsidera o acesso, a aceitabilidade e a efetividade das tecnologias biomédicas na diversidade dos grupos populacionais. O autor propõe que sejam reconsideradas as noções de vulnerabilidade, de cuidado e integralidade, para ampliar saberes e interações das ações de saúde, indo na contramão de essencialismos (quando ainda se persiste na existência de “grupos de risco”, reforçando o estigma).

⁴ Medidas de prevenção ao HIV. A profilaxia de pré-exposição (PrEP) consiste no uso diário de comprimidos para proteção contínua na relação sexual e a profilaxia pós-exposição (PEP) é o tratamento de 28 dias após risco de infecção, que deve se iniciar em até 72 horas após a exposição.

⁵ Esse modelo aposta na integralidade nas estratégias de prevenção ao HIV/AIDS, articulando intervenções biomédicas, comportamentais e estruturais, considerando o contexto dos sujeitos.

Butturi Junior (2019) convida a uma nova forma de se falar sobre “a soropositividade”⁶, propondo discursos e estratégias acerca da manutenção da vida crônica, considerando o caráter híbrido/ciborgue que maneja a vida com HIV e o “tecnobiodiscurso” que caracteriza o cuidado atualmente. Ou seja, uma vez recrudescido de tecnologias, é preciso refletir sobre a intervenção dessas biotecnologias que implicam em redefinições sobre a natureza e o humano, já que se inventa uma vida crônica com HIV cuja subjetividade obedece ao jogo da disciplinarização dos corpos e do desejo, em que a medicalização é a garantia de uma cidadania.

Assim, celebram-se os avanços técnicos e de uma política pública consolidada de resposta ao HIV/AIDS sem perder de vista os desafios históricos, sociais e culturais que determinaram o fenômeno e se revestem no cenário contemporâneo. Ao compreender o HIV/AIDS como dispositivo da sexualidade, é preciso superar os paradigmas biomédicos que encerram essa discussão no controle do vírus no organismo e na distribuição de tecnologias de prevenção restritas aos efeitos no corpo biológico. Deve-se impulsionar as perspectivas que também se debruçam nas experiências e no cotidiano, para além das ações do Estado, como na discussão sobre os novos modos de vida manejados pelas tecnologias, nos processos simbólicos que reestruturam os cenários sociais, nas expressões culturais que são disciplinadoras e em outras dimensões pragmáticas do cotidiano social, como as práticas que potencializam modelos de prevenção, modos de cuidado e o debate transparente no contexto da sexualidade. Para o combate do estigma e da morte social associada ao HIV/AIDS, é preciso atuar de forma integrada e crítica, considerando os fatores psicossociais que determinam o processo saúde-doença.

2.2 A DIMENSÃO PSICOSSOCIAL DO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA

A resposta brasileira ao HIV/AIDS obteve resultados surpreendentes ao considerar as dimensões psicossociais da saúde, segundo Vera Paiva (2013). A autora discute a utilização do termo “psicossocial” tendo por referência o seu uso no campo científico, associado às condições de vida, à interação do sujeito com o ambiente, às relações intersubjetivas e de poder, incluindo ainda aspectos como emoções, atitudes e práticas cotidianas. Nesse contexto, surge a noção de “atenção psicossocial”, como uma intervenção focada no sofrimento psíquico e nos problemas de origem social, fortalecendo o bem viver e o apoio comunitário.

⁶ Importante ressaltar que “o soropositivo” não é um termo adequado, por despersonalizar o sujeito. É adequada a utilização do termo “pessoa vivendo com o HIV” (PVAH).

Para Fleury-Teixeira (2009), o setor saúde dedica-se à promoção, proteção e recuperação da capacidade psicofisiológica, isto é, a busca da vitalidade necessária ao “exercício ativo de si para a realização na vida” (2009, p. 383). No entanto, a saúde deve reconhecer a condição social como fator determinante para a exposição de riscos e a base de um padrão sanitário. Ao evidenciar o componente social da saúde e da doença, não se rejeita a determinação genética, mas especifica o lugar desta tendo por referência os determinantes sociais e comportamentais.

Historicamente, a humanidade construiu diversas concepções em torno da saúde e da doença. As perspectivas que consideram a vida social como fatores determinantes da saúde entendem que existe não apenas um corpo orgânico, mas também o “inorgânico”. Nessa lógica, os seres vivos até tendem a estar saudáveis quando realizam o que é de sua natureza, mas necessitam de algo além, ampliando as possibilidades e potencialidades do viver. Assim, não dependem somente da funcionalidade do corpo para obterem saúde, mas também da apropriação do que a humanidade produziu na esfera social. Isso implica compreender que a saúde depende do grau de desenvolvimento alcançado pelas forças produtivas de uma sociedade (Albuquerque e Silva, 2014).

Ao longo do séc. XX, os aspectos sociais e ambientais foram ganhando força nos estudos de Saúde Pública. A Conferência de Alma-Ata, em 1978, sobre os cuidados primários em saúde, foi um dos marcos que impulsionou a criação de uma Comissão sobre Determinantes Sociais da Saúde (CDSS), em 2005, dentro da Organização Mundial da Saúde (OMS). Nos preceitos do modelo dos Determinantes Sociais da Saúde (DSS), a saúde é assim percebida pelas condições de vida dos indivíduos, tais como os fatores psicológicos e os socioeconômicos, que influenciam na situação de saúde e no adoecimento. A comissão adotou o modelo de Dahlgren e Whitehead como base, em que os determinantes sociais incluem várias camadas da vida social, como as características individuais, os estilos de vida, as redes comunitárias, as condições de trabalho e os aspectos socioeconômicos, dentro de uma esfera que vai do micro ao macro (Buss; Pellegrini-Filho, 2007).

Importante ressaltar que, apesar das camadas de divisão entre os determinantes, é imprescindível o reconhecimento da integração desses aspectos. Caso não, a consequência disso pode ser a fragmentação do conhecimento em setores que não se comunicam. Portanto, é preciso superar essa redução, beneficiando uma leitura que contemple a complexidade e as conexões entre todas as camadas sociais de determinação da saúde (Garbois; Sodré; Dalbello-Araujo, 2017). Esses fatores sociais da saúde não são desconexos, pois compõem

uma direção única que começa no processo de trabalho e nas condições de vida estabelecidas pelo capitalismo (Sousa; Silva; Silva, 2013).

Com isso, a determinação social aborda o caráter histórico do adoecimento, em que a posição social implica diretamente nas condições de saúde. Nessa direção, se encontram os fatores estruturais, como os contextos políticos e socioeconômicos, que determinam a hierarquia social e impactam nos fatores intermediários, tais como as circunstâncias materiais, os componentes comportamentais e psicossociais. Assim, elementos como estilo de vida, situações estressoras, padrões sociais, presença ou não de apoio social são fatores que compõem a dimensão psicossocial do processo saúde-doença (Silva; Bicudo, 2022).

Para Spink (1992), uma forte contribuição da perspectiva psicossocial é a de que o sujeito não é apenas produto da realidade social, mas produtor dela. Por meio de ações cotidianas, o sujeito gera representações sobre tudo que o cerca, incluindo seus modos de compreender saúde e doença. Isso possibilitou o confronto do saber popular com o saber científico, o que inevitavelmente abriu espaço para uma intervenção em saúde mais contextualizada considerando o conhecimento prático e contextualizado.

A dimensão psicossocial, na resposta ao HIV/AIDS e na atuação em Saúde Coletiva, está associada aos processos cotidianos, às condições concretas de vida e às redes de convivência, que ampliam a compreensão sobre as formas de adoecimento e, ao mesmo tempo, sobre os modos de recuperação em saúde. Ou seja, considerar essa dimensão não é apenas se referir a um modelo de explicação acerca dos fenômenos de saúde e doença, mas abarcar as intervenções práticas de busca por soluções, como as estratégias de enfrentamento às adversidades sociais e as de promoção da boa qualidade de vida, tendo por referência o enfoque na inclusão social, no desenvolvimento emocional e na autonomia do sujeito.

2.3 LUZ, CÂMERA E AÇÃO: A SAÚDE COLETIVA E O HIV/AIDS EM CENA

Os rumos da cultura ocidental influenciam diretamente os sentidos produzidos socialmente sobre saúde e doença. Os meios de comunicação funcionam como tecnologias de dominação nas sociedades hipermodernas, direcionando o interesse dos consumidores no contexto da saúde coletiva. A disseminação de ideias como a desnecessidade do sofrimento e a cura rápida pelos medicamentos, aliadas ao poder médico, fazem com que os fármacos moderem a vida de milhares de pessoas. Tal regulação deságua em excessos, como o uso indiscriminado de remédios, a automedicação, prescrição indevida, entre outros problemas. O campo científico, por vezes, utiliza desses mecanismos de dominação que não impedem o

acesso às informações, pelo contrário, dissemina o “imperativo da saúde”, eliminando qualquer ascensão da criticidade e responsabilizando diretamente o sujeito pelo seu rendimento na busca da norma. Atualmente, o “corpo perfeito” passa a ser um ideal atingido, a partir da força imagética e da fascinação difundidas na indústria cultural⁷ (Telles; Costa; Severiano, 2009).

Esse circuito cultural organiza o conjunto de valores compartilhados de um grupo ou sociedade, segundo Stuart Hall (2016). O autor, britânico-jamaicano e teórico dos Estudos Culturais, entende a “cultura” como esse espaço de significados compartilhados por meio da linguagem. Ou seja, o significado das coisas é produzido no intercâmbio/contato entre os sujeitos, em que a linguagem opera como “representações”. Através de signos e símbolos, é possível expressar ideias, pensamentos e sentimentos. Esse compartilhamento dos significados entre os membros de uma sociedade - intercâmbio de sentidos por meio de sons, gestos, expressões e palavras - organiza as práticas sociais e influencia nossa conduta. Hall (2016) exemplifica com o “sinal vermelho” no trânsito, que é um signo/símbolo organizador da sociedade a partir do entendimento compartilhado de que “é hora de parar”. A representação seria então formada pelo conjunto de sentidos (textuais e/ou icônicos/imagéticos) produzidos pela linguagem e partilhados socialmente.

Dentre as formas de construção de sentidos na cultura, destacam-se as imagens como maneiras de representar o mundo e o cotidiano social. O uso desse atributo molda nosso imaginário, fazendo com que a linguagem imagética contribua para os processos de aprendizagem, a exemplo do cinema (Pires; Silva, 2014).

Como um dos modos de expressão cultural da sociedade industrial e tecnológica contemporânea, o cinema sempre funcionou como ferramenta de instrução, reflexão e pedagogia, caracterizado por imagens que carregam a potência da rápida apreensão e da incontestabilidade frente a uma verdade exibida. Partindo dessa perspectiva, Marques (2022) afirma que é preciso trazer os filmes para os estudos no campo da educação, como forma de investigação sobre o que é aprendido e a sua influência no imaginário contemporâneo. Nesse processo, o enfoque sociocultural é fundamental, pois permite a identificação de questões ideológicas através das produções culturais, uma vez que o cinema propaga ideias e sentidos com mensagens explícitas ou implícitas, delineando narrativas.

⁷ Termo cunhado pelos sociólogos Theodor Adorno e Max Horkheimer, na década de 40, para designar o processo de transformação das expressões culturais em produtos industrializados e padronizados, para o consumo das massas, no sistema capitalista.

Todas as partes que compõem a engrenagem fílmica funcionam através de uma intenção. Na criação fictícia ou no registro documental, a imagem e o som são reflexos e dinamizadores da cultura. Paradoxalmente, a impressão da realidade também auxilia no empenho em impressionar quem a assiste. Portanto, o cinema pode atingir a população de diferentes maneiras, com grande potencial para influenciar a sociedade (Marques, 2022).

É importante salientar que independente da fidedignidade das narrativas cinematográficas ou da associação persistente com o entretenimento, as fronteiras entre fato e ficção no audiovisual não são tão demarcadas assim. Nas produções contemporâneas, é cada vez mais possível perceber o hibridismo entre elementos factuais e ficcionais, como na representação fiel da realidade histórica em obras fictícias ou mesmo da subversão da realidade em documentários. Desse modo, as narrativas que não são fictícias não podem ser consideradas portadoras de “objetividade” e “verdade”, pois todos os filmes são construídos e fabricados pelas mãos e pelos olhos daqueles que filmam (Freire e Soares, 2013)

O cinema de maneira geral é um documento da realidade consolidado pela sua forte influência na sociedade como ferramenta simbólica que reproduz fenômenos culturais e estruturas de poder. A partir das ciências sociais, as imagens do cinema podem servir como objeto de análise por pelo menos três dimensões possíveis: a das representações cinematográficas como fonte documental de conhecimento sobre a realidade social, em que se ilustra histórias e significados de uma realidade abordada; a dos processos de produção dessas representações como construção social por agentes específicos, já que o filme é estruturado com intenções e interesses que partem de uma perspectiva da realidade por quem filma; e a dos processos de recepção como estruturação dessa realidade, funcionando como moduladores em sua disseminação e circulação, regulando o social. Emparelhado à saúde, o cinema historicamente é utilizado para a informação científica, padronização dos processos educativos e disciplinarização de práticas sanitárias (Clamote, 2021).

Segundo Barros (2021), a produção das imagens em movimento surgiu paralela às mudanças científicas na virada do séc. XIX para o XX. A necessidade de apreender a natureza do real, pelo conhecimento científico, encontrou no cinema e na fotografia a possibilidade de registrar os movimentos dos seres vivos, o que permitiu a identificação, diagnóstico e análise de patologias. Essa relação direta entre cinema e ciência reverberou em diversas formas de ensino e aprendizagem por meio de imagens.

Devido a esse potencial informativo e influente do cinema, alguns trabalhos no campo da saúde pública e da saúde coletiva abordam o uso dos filmes para diferentes fins científicos e educativos, apropriando-se do formato de cine-debates. Tais estudos reforçam os processos

de aprendizado e a construção de sentidos sobre a saúde mediados pela narrativa audiovisual, como na educação em promoção à saúde (Sá, Torres, 2013; Lima *et al.*, 2018), no ensino das doenças a partir das ciências naturais (Cândido *et al.*, 2021), na sensibilização para a humanização do cuidado médico (Blasco, 2017) e no formato de projetos de cinema (como o “CINESUS”), envolvendo a criação de espaços para troca de saberes sobre temas sociais ligados à saúde pública e ao Sistema Único de Saúde (SUS) (Dias *et al.*, 2019).

Meneghel e Minayo (2021) utilizam o cinema de ficção como recurso complementar para discussão de fenômenos desafiadores na saúde coletiva. Através das imagens e narrativas, o cinema permite que se percebam detalhes do cotidiano social e humano. Trata-se de uma ferramenta potente que as sociedades dispõem para se perceberem, identificando problemas sociais e contribuindo ainda para ampliar o autoconhecimento. Para elas, o audiovisual é uma linguagem com recursos próprios para se notar ainda as construções socioculturais do processo saúde-doença, para compartilhar experiências de cuidado ou ampliar o entendimento do sofrimento humano.

Essa relação entre a saúde coletiva e a cultura vem se potencializando com a “biomidiatização”, que seria a inserção da temática de saúde nas mídias, como afirmam Petta, Ayres e Teixeira (2021). As chamadas “séries médicas” ficcionais, principalmente as norte-americanas, ganharam força ilustrando a centralidade do “médico-herói”, dos instrumentos biotecnológicos modernos e do ambiente hospitalar⁸. Na tentativa de estreitar maiores diálogos com a saúde coletiva do Brasil, surge a produção *Unidade Básica* (dir. Caroline Fioratti, 2016), que renegocia com tais formatos hegemônicos⁹. A partir de diferentes dimensões “racional-cognitivas” e “estético-afetivas” sobre os processos saúde-doença-cuidado, a série ilustra instrumentos de trabalho interdisciplinares, aborda histórias coletivas/comunitárias e corrobora em outras racionalidades das ações em saúde, segundo os autores (Petta; Ayres; Teixeira, 2021).

As narrativas audiovisuais que contam histórias em torno do HIV/AIDS abordam os processos psicossociais do adoecimento. Isso porque o advento da AIDS gerou uma grande necessidade do discurso e significação do fenômeno em sociedade. Esse processo de narrativização tem forte importância política, funcionando para a ordenação em meio ao caos, dando sentido para o que ainda não tem sentido. As narrativas e as metáforas podem ser

⁸ Alguns exemplos são as séries *Grey's Anatomy* (ABC), *Dr. House* (Fox) e *The Good Doctor* (ABC).

⁹ A série de televisão em questão é uma produção original do Canal Universal. Na mesma direção, se destaca a série *Sob Pressão*, do canal Globoplay, cuja narrativa aborda o cotidiano de um hospital público no Rio de Janeiro.

pensadas também como formas de produção de conhecimento sobre o mundo, tornando a experiência vivida reconhecível e passível de compartilhamento (Alós, 2019).

Desde o começo da epidemia nos anos de 1980, o cinema atribui significados frequentes associados à morte, ao sofrimento e às identidades específicas (Carvalho, 2008), caracterizando o cenário da primeira onda da epidemia. Claro que é possível perceber algumas transformações nas maneiras de contar essas histórias a partir das diferentes produções, ao mesmo tempo, é perceptível a ausência de interesse em abordar a vida de pessoas vivendo com o HIV/AIDS hoje (Sousa, 2016). A filmografia da AIDS no geral nos leva a sentir a angústia do problema, já que evidenciam as narrativas de memórias de um duro tempo vivido, deixando escapar as histórias contemporâneas de sobrevivência e cronificação da síndrome (Silva, 2023).

Entre as narrativas filmicas, se destacam as da grande mídia no circuito comercial. A indústria hollywoodiana foi objeto de análise em estudos das representações do HIV/AIDS e suas relações com os marcadores de gênero, sexualidade e identidade (Corrêa, 2007; Campos; Coelho, 2011). A problematização dos padrões culturais que são reforçados nos filmes chama atenção para a associação persistente entre a homossexualidade masculina e o HIV/AIDS. Nesses estudos, a narrativa hegemônica estadunidense é colocada em perspectiva tendo por referência a ciência, em que se percebe a força da construção negativa em cima da “doença”, contrariando as pesquisas, reduzindo a informação e ignorando as desigualdades.

Mesmo assim, dar cena à temática no audiovisual tem sido importante para a construção da solidariedade e do combate ao preconceito (Carvalho, 2008). Devido ao seu potencial educador, as obras do cinema sobre o HIV/AIDS foram utilizadas e analisadas em espaços de aprendizado. Eduardo, Risso e Paiva (2012) e Bigler (2015) descrevem experiências importantes de mostras de cinema no espaço universitário. A utilização de filmes, acompanhado de debates, possibilitou o entendimento dos processos históricos e sociais em torno do fenômeno e seus desafios.

A união entre arte e educação contribui na formação e no ensino de conceitos caros à ciência. Por isso, foi possível que fragmentos filmicos preenchessem as aulas de biologia de jovens. O contexto histórico, os processos de contágio e a sintomatologia, alinhada à ética, foram temáticas selecionadas para abordagem do ensino das infecções sexualmente transmissíveis no ensino médio, relata o estudo de Cândido *et al.* (2021).

Os estudos de Sales (2022; 2023) e Sales e Estevinho (2021) são de extrema importância para atestar diferentes modos de aprendizado com as narrativas audiovisuais contemporâneas. Mesmo diante das produções fictícias e documentais que cristalizam

maneiras de ver e se relacionar com o HIV/AIDS, se propõem novas pedagogias fora do modelo biomédico. Para os autores, as fissuras possíveis no discurso hegemônico são confrontos com a biologia e a ciência, na tentativa de agenciar outras formas de narrar temas como desejo e medo, vida e morte, saúde e doença. A partir do documentário brasileiro *Cartas para além dos muros* (Dir. André Canto, 2019), por exemplo, abre-se a chance de subverter os discursos higienistas e estigmatizantes em torno da questão, por meio de uma construção necessária que visa combater estigmas e rachar os conhecimentos e práticas hegemônicas na ciência (Sales; Estevinho, 2021).

Em produções não-comerciais, é interessante perceber a quebra do convencional, como as analisadas por Oliveira e Salles (2015) no cinema sul-africano, por Ramari (2020) em longa-metragem experimental e por Sobrinho e Curtolo (2020) através de um documentário *queer*. A imagem auxilia na força para repensar outras lógicas de construção de sentidos que fogem do discurso médico ocidental. Os padrões de etnia, gênero e sexualidade são suspensos, deixando margem para que o corpo e o HIV/AIDS se tornem preocupação cotidiana e de todos. Tendo em vista que o cinema pode reforçar preconceitos com abordagens reducionistas, os referidos estudos salientam a importância de uma perspectiva plural nas películas, para repensar o imaginário de maneira subversiva, alinhando sensibilidade e política.

A mobilização social recebe fundamental destaque na trajetória do HIV e da AIDS no mundo. Kamel (2020) analisa *120 batimentos por minuto* (Dir. Robin Campillo, 2017), que retrata o movimento *Act Up*, surgido na França em meados da década de 90, cujo papel foi importante no início da luta contra a AIDS. A ênfase comunitária retratada no filme, demonstrando esforço na busca por soluções, reflete o imprescindível engajamento social na ciência, com a garantia da defesa das populações mais vulneráveis e no combate à discriminação. Afinal, muito antes dos avanços científicos e farmacológicos que auxiliam na resposta ao HIV/AIDS, existia a participação social que deu o impulso inicial para a produção de mudanças.

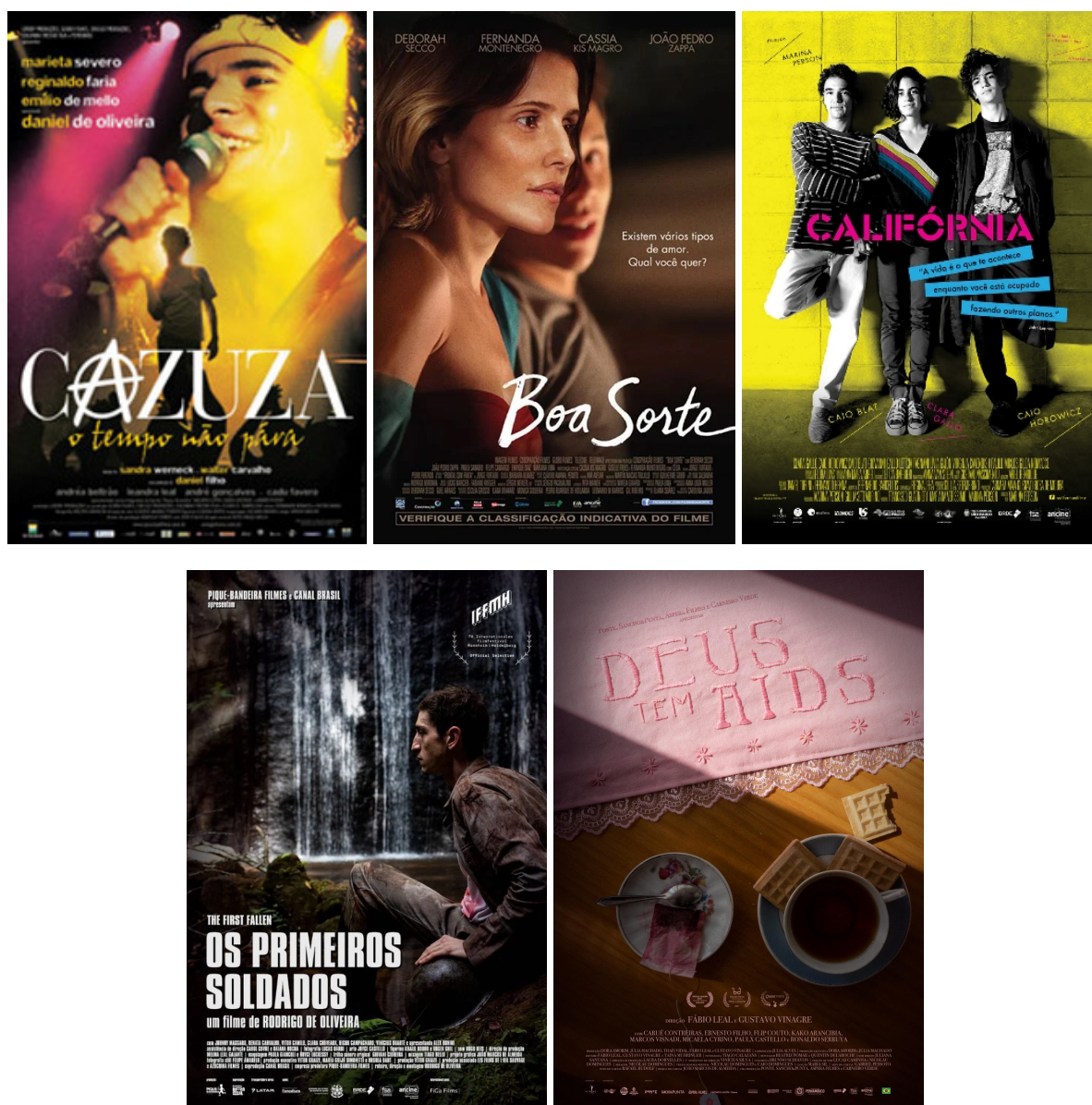
As histórias de saúde e doença nesses filmes exploram as diversas camadas da vida social. O percurso do HIV/AIDS nas produções cinematográficas internacionais *Um coração normal* (Dir. Ryan Murphy, 2014), *Filadélfia* (Dir. Jonathan Demme, 1993) e *Tudo sobre minha mãe* (Dir. Pedro Almodóvar, 1999) permite uma noção ampla da passagem do vírus e da síndrome em diferentes situações: os primeiros casos, a propagação viral e as práticas de tratamento, respectivamente (Beneti e Santos, 2018). Em *Clube de compras Dallas* (Dir. Jean-Marc Vallée, 2013), é possível perceber os processos de judicialização das demandas

das pessoas afetadas pela AIDS nas primeiras décadas, frente ao estigma social e a violência estatal (Rodrigues, 2022). Atesta-se assim a multiplicidade de reflexões suscitadas por diferentes narrativas que contribuem na identificação dos inúmeros desafios.

A prática cultural de maneira geral é eficiente na construção de memórias coletivas. Araújo (2018) retoma a produção audiovisual e literária da década de 80 que revela mortes catastróficas e silenciosas advindas do preconceito e da ineficiência política. Nessa perspectiva, lidar com os fatos históricos é testemunhar e renovar a resistência e a esperança no avanço dos direitos, mas sem perder de vista os desafios contemporâneos. Inácio (2016) provoca acerca dos tempos atuais: “pra que falar sobre isso agora/ainda?”, percebendo a ausência do discurso sobre HIV/AIDS nas expressões artístico-culturais contemporâneas como sintoma de um trauma vivido e aparentemente superado.

Recorrer ao audiovisual brasileiro é, portanto, urgente para o (re)conhecimento local das questões pertinentes à saúde coletiva. Entre os filmes brasileiros sobre o HIV/AIDS, se destacam os longa-metragens *Cazuza - o tempo não pára* (Dir. Sandra Werneck e Walter Carvalho, 2004), *Boa sorte* (Dir. Carolina Jabor, 2014), *Califórnia* (Dir. Marina Person, 2015) e *Os primeiros soldados* (Dir. Rodrigo de Oliveira, 2021) como filmes de ficção, além do documentário *Deus tem AIDS* (Dir. Fábio Legal e Gustavo Vinagre, 2021).

FIGURA 1 - Filmes brasileiros cujas narrativas abordam o tema do HIV/AIDS.



Fonte: Google Imagens

O filme de Cazuza é uma biografia do cantor que foi uma das primeiras figuras públicas reagentes ao HIV. A trajetória contada na produção não é apenas sobre a obra, vida e morte do artista, mas da associação entre ele, sua sexualidade e a AIDS. Em *Boa sorte*, a história versa sobre um romance entre um homem e uma mulher cisgêneros, internados em uma instituição psiquiátrica, sendo ela dependente química e infectada pelo HIV/AIDS, supostamente em “estado terminal”. Semelhante à Cazuza, a personagem tem como desfecho a morte, mas diferente da obra sobre o cantor, esse filme não trata o vírus e a síndrome como fenômenos de destaque, também sendo o único das produções com personagem cis e heterossexual vivendo com HIV. A narrativa de *Boa Sorte* deixa brecha para dúvidas

diversas, considerando que, entre todos, esse filme não é necessariamente sobre os anos de 1980, período em que não se tinha oferta eficaz de tratamento para o HIV/AIDS. Já *Califórnia* enfatiza o romance entre héteros adolescentes e a cultura norte-americana da década de 80, cujo tio homossexual da protagonista vem dos Estados Unidos adoecido, com pontuais alusões sobre qual seria o motivo do adoecimento. O personagem também morre nesse filme.

Os primeiros soldados é a ficção mais recente, apresentando relação mais direta e explícita com a temática em sua divulgação. Nesse filme, dois homens gays e uma mulher transexual estão infectados pelo vírus, ainda desconhecido e sem nome naquele período (1982). Essa é a única ficção cuja narrativa gira em torno exclusivamente do agenciamento do adoecimento, sem que o fenômeno tenha a tela dividida com outras tramas, romances ou personagens que não foram infectados.

Nesses filmes brasileiros de ficção sobre o HIV/AIDS, é perceptível o investimento em cenas de angústia e ameaça à vida, somado à pouca informação e ao silenciamento sobre os possíveis tratamentos. Na contramão dessas produções, o documentário *Deus tem AIDS* faz uso de entrevistas e performances para trazer à tona algumas provocações temáticas que denunciam o preconceito contra a vivência com o HIV, alertando sobre abordagens inclusivas e que desafiam o senso comum hegemônico. Essa obra abre para uma nova perspectiva da discussão, mais alinhada aos movimentos sociais e ao cinema experimental, retratando a cronificação característica das últimas décadas.

Desse modo, o cinema se apresenta como recurso que investe em pedagogias acerca da saúde e da doença, seja reproduzindo narrativas hegemônicas ou subvertendo-as, por meio de documentários ou ficções. Ao abordar os processos psicossociais, é possível o encontro com diversas histórias cotidianas que permitem aproximações com os contextos de vida, incentivando elaborações sobre os fenômenos sociais que atravessam os sujeitos, potencializando assim as estratégias para as intervenções práticas em saúde. A aproximação com as imagens em movimento carrega não apenas a possibilidade da compreensão, mas da (re)construção das cenas cotidianas da vida real, através do envolvimento sensível que surge do impacto com os atributos imagéticos influentes.

3 JUSTIFICATIVA

O HIV/AIDS permanece com desafios e implicações na atualidade, mesmo após décadas de avanços no tratamento e na prevenção. Na tentativa de ampliar as abordagens que possam contribuir no combate ao estigma, no entendimento da realidade social e na oferta de outras alternativas de cuidado, torna-se fundamental a ênfase em aspectos como os de ordem cultural, reconhecendo o impacto de expressões como o cinema na construção de sentidos sobre o tema em sociedade.

O cinema, enquanto linguagem artística e cultural, é uma poderosa ferramenta para a elaboração e elucidação de questões sociais complexas. Por meio de suas narrativas e imagens, filmes de ficção podem oferecer novas perspectivas, sensibilizar públicos diversos e promover reflexões críticas sobre estigmas e desafios associados ao HIV/AIDS. Assim, mesmo diante de narrativas que possam perpetuar ideias deturpadas sobre a questão, o audiovisual carrega a potência que possibilita um olhar mais abrangente, permitindo que sejam evidenciadas histórias e reflexões que muitas vezes permanecem à margem dos debates tradicionais em saúde.

A saúde coletiva, enquanto campo interdisciplinar, ganha amplitude ao dialogar com outras áreas do conhecimento, como o audiovisual, em especial o cinema. Essa junção permite um enriquecimento mútuo e contínuo, visto que o cinema contribui com sua capacidade de sensibilizar e comunicar realidades diversas, enquanto a saúde coletiva oferece um arcabouço teórico e prático que aprofunda a compreensão dos determinantes sociais e culturais da saúde. Assim, analisar os sentidos de saúde e HIV/AIDS em um filme brasileiro não só reforça a importância de observar a experiência sob outros ângulos, mas também amplia o alcance e a complexidade da discussão.

Portanto, essa pesquisa se justifica pela potência de compreender como as narrativas audiovisuais contribuem para a elucidação das problemáticas que envolvem o HIV/AIDS na sociedade, além de apostar na valorização da intersecção entre a saúde coletiva e o cinema, como uma forma pertinente de refletir e intervir sobre temas contemporâneos gerados da relação entre saúde e sociedade.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Analisar os sentidos de saúde e HIV/AIDS a partir do filme *Os primeiros soldados*.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar as aproximações e os distanciamentos percebidos entre a narrativa fílmica e os rumos do HIV/AIDS;
- Analisar os contextos e as práticas de saúde adotados pela ficção audiovisual.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa está localizada no campo das ciências sociais e humanas em saúde, núcleo de conhecimento da área de saúde coletiva. O estudo foi desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa em saúde, caracterizado pela direta interface com a subjetividade, na medida em que apreende interpretações originadas das relações sociais, acerca dos fenômenos que compõem o processo saúde-doença. Através do raciocínio crítico, da compreensão e da interculturalidade, se constroem as ferramentas de produção científica no meio acadêmico por essa abordagem (Bosi, 2012; 2015).

Trata-se de um estudo documental, em que se busca realizar interpretações por meio de documentos. Esse tipo de estudo envolve o exame de registros e materiais, sejam leis, fotografias, jornais, postagens ou filmagens, sendo uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos. A escolha do material a ser investigado não é aleatória, depende do problema em questão e deve-se levar em consideração a utilização e a função da obra documental selecionada. O processo de análise, primeiramente preliminar, envolve o estudo do contexto, natureza e lógica do documento, para em seguida chegar à análise propriamente dita, que consiste na obtenção de informações que elucidem o objeto de estudo e contribuem na solução dos problemas (Júnior *et al.*, 2021).

A pesquisa optou pela produção cinematográfica como material do estudo documental sobre o HIV/AIDS e saúde proposto, dada a fartura de representações cotidianas e a magnitude do impacto social desse tipo de obra. Com isso, optou-se pela análise de filmes como método complementar. Esse processo de análise de um filme envolve a disponibilização de informações gerais da obra, a decomposição da narrativa, a exposição dos pontos de vista, o recorte de cenas específicas e interpretações qualificadas. De maneira geral, o método envolve duas etapas fundamentais: decompor (descrever) e interpretar (Penafria, 2009).

Para a escolha da obra que seria analisada, buscou-se um longa-metragem brasileiro, considerando que esse tipo de produção é mais acessível e desenvolve a narrativa em maior tempo. Também foi escolhido o foco na produção fictícia, como forma de se aproximar de discursos mais cotidianos e menos acabados, já que essas narrativas têm grande potencial de circulação e não apresentam necessariamente preocupação em trazer autoridades científicas comprometidas com o “saber técnico”. Esses critérios levaram ao encontro dos filmes *Cazuza - o tempo não pára* (dir. Sandra Werneck e Walter Carvalho, 2004), *Boa sorte* (dir. Carolina Jabor, 2014), *Califórnia* (dir. Marina Person, 2015) e *Os primeiros soldados* (dir. Rodrigo de

Oliveira, 2021) como longa-metragens de ficção que fazem alguma alusão ao HIV/AIDS em seus enredos.

Dentre esses filmes, foi selecionado *Os primeiros soldados* para a análise. A seleção desse material se deu em função de se tratar de um dos mais recentes filmes brasileiros de ficção sobre o HIV/AIDS, que apresenta relação mais direta com o tema. A análise centrada unicamente nesse filme demonstrou maior potencialidade de aprofundamento no material e conteúdo adequado para a escrita da dissertação. O filme é contemporâneo, mas a narrativa é caracterizada pela chegada do HIV/AIDS ao Brasil nos anos de 1980, com repercussões para a saúde, cuja premissa dialoga adequadamente com os objetivos do estudo, já que estreita maiores diálogos entre o passado e o presente.

Como modo de organização da decupagem, o filme foi todo descrito em material separado e individual do pesquisador, com desenvolvimento de todas as cenas, recorte de falas importantes e algumas elaborações iniciais. Esse exercício serviu de “guia cinematográfico”, para não perder de vista as informações que serviriam para a elaboração dos sentidos e os recortes dos momentos ilustrativos da obra¹⁰.

A construção e aprofundamento dos sentidos presentes no filme foi realizada com base na Análise de Conteúdo de Bardin (Bardin, 1977), compreendida como uma ferramenta metodológica sistemática para a busca de sentidos de um documento. É uma análise das comunicações, tanto as expostas e explícitas quanto as latentes e inferidas. Nesse processo, é preciso o equilíbrio entre o subjetivo e o objetivo, como modo de evitar imposição de ideias e valores, mas também sem prejudicar o uso da intuição e da criatividade do pesquisador (Bardin, 1977; Campos, 2004).

O método pode ser dividido em três fases: a pré-exploração do material, a seleção das unidades de análise e o processo de categorização. Dessa maneira, aconteceu o contato inicial com o filme, onde foi possível deixar fluir impressões gerais, para posteriormente haver levantamento de algumas temáticas para a discussão. Por fim, foram criadas as unidades analíticas, também chamadas de “categorias”, a tarefa mais importante da Análise de Conteúdo. Nelas, são criados grupos de códigos exclusivos e homogêneos, isto é, informações semelhantes e frequentes do problema, que possuem certo grau de intimidade e proximidade. Estes enunciados contêm significados importantes que respondem ao objeto estudado (Campos, 2004; Sampaio; Lycarião, 2021). Desse modo, foram reunidos conteúdos sobre as representações, relações, modelos, práticas e implicações relacionadas à saúde e à

¹⁰ Esse exercício facilitou a decomposição da narrativa, presente na seção de anexo.

“doença” (no caso, o HIV/AIDS), adotados pela obra *Os primeiros soldados*, resultando em quatro categorias finais.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O filme *Os primeiros soldados*, roteiro e direção de Rodrigo de Oliveira, teve estreia em festivais nacionais e internacionais de cinema no ano de 2021 e posteriormente foi lançado no circuito comercial do Brasil em 2022. A obra foi produzida pela Pique-Bandeira Filmes em parceria com o Canal Brasil, viabilizada por edital da Secretaria de Cultura (Secult) do Estado do Espírito Santo em colaboração com o Fundo Setorial do Audiovisual (FSA), e distribuída pela Olhar Distribuidora. “Os primeiros não podem ser esquecidos” é a frase estampada no pôster do filme, fazendo alusão aos primeiros casos de infecção pelo HIV e das mortes em decorrência da AIDS, destacando o laço de cor vermelha tradicionalmente associado à causa.

FIGURA 2 - Pôster do filme.



Fonte: A Olhar Filmes

A obra traz a ambientação dos primeiros anos da década de 1980 no Brasil, com a chegada do HIV/AIDS na cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo. Suzano, Rose e Humberto têm histórias cruzadas pela infecção ainda desconhecida. O acontecimento (ou acometimento) os levam ao isolamento para a investigação e registro da “doença desconhecida”, resultando na produção de imagens e vídeos que têm por intuito avisar à sociedade da ameaça que se aproxima. Além de um plano de aviso, o trio desenvolve um lar de fraternidade entre pares.

A partir do contato com o material e da decomposição da narrativa, foi possível elaborar quatro unidades analíticas para os processos de significação, ancoradas na literatura científica sobre HIV/AIDS e saúde coletiva. Essas categorias refletem aspectos fundamentais no percurso do HIV/AIDS no Brasil e no mundo, chamando atenção das representações cinematográficas da saúde e da doença, das violências, das redes de solidariedade, do uso do audiovisual como fonte de informação em saúde e dos determinantes psicossociais.

Na primeira categoria, “mudanças e permanências das representações do HIV/AIDS”, são levantadas discussões acerca das imagens escolhidas para a personificação do corpo infectado e os possíveis efeitos das metáforas utilizadas pela narrativa no cenário atual. Em seguida, a categoria “entre o estigma e a solidariedade: convergências em meio a divergências” tem a costura de dois fenômenos fundamentais que compõem a história do HIV/AIDS e das populações vulneráveis: a violência sofrida face ao estigma e a rede de solidariedade construída entre pares. A terceira, “as imagens que informam e comunicam sobre ciência e saúde”, enfatiza as imagens e os vídeos que circulam na trama como estratégia informativa, bem como os meios de comunicação que auxiliam na comunicação sobre o HIV/AIDS à população. Por fim, em “os processos psicossociais do adoecimento” são demarcados os diferentes fatores e agenciamentos de ordem psicossocial envolvidos na experiência de adoecimento, a partir do que foi exposto na narrativa fílmica.

6. 1 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS DAS REPRESENTAÇÕES DO HIV/AIDS

Na abertura de *Os primeiros soldados*, imagens de um exausto combatente andando pela selva são exibidas, enquanto o protagonista Suzano narra em *off*¹¹:

¹¹ Voz exterior de um personagem que não aparece no enquadramento.

“Você não sabe o quanto acredita na preservação da sua vida até ter que comer um pedaço da própria carne para sobreviver. Já eram duas semanas sem comer. E agora aquele rapaz pensava seriamente em tirar uma lasca da própria perna para jantar. Ele pensava nessa selva absurda e antinatural onde os jovens morrem antes. Ele pensava, enfim, na coragem de ter sido o primeiro. O primeiro médico a se alistar, o primeiro a embarcar, o primeiro a descobrir o terror do genocídio, o primeiro a cair do avião atingido por um míssil. Enquanto vomitava a carne da própria perna, o soldado pensava que os primeiros sofrem de uma coragem de que ninguém nunca vai lembrar(...)” (OS PRIMEIROS Soldados, 2021).

É dessa maneira que o filme é introduzido, cujo título e entrada anunciam a narrativa de memória que se desenrolará. Esse tipo de narrativa fílmica compõe o conjunto de histórias que recuperam os momentos traumáticos dos primeiros contatos com o vírus ainda desconhecido. Para Silva (2023), *Os primeiros soldados* faz parte dessas representações sobre os “pacientes soropositivos”, que utiliza recursos temáticos ligados ao sofrimento, expressando indivíduos contagiosos, culpados pela própria doença, com o corpo marcado por deformações e atormentados pela morte que se aproxima.

Apesar do filme remeter a um período específico de desespero e caos, descrevendo a batalha do “primeiro soldado” que estava na frente, como pioneiro e cobaia da experiência, esse cenário permanece, ainda que com outras vestes, presente nos dias atuais. A partir da memorização, o filme convoca a pensar também nas guerras que são permanentes, até hoje, como destaca Seffner (2023).

Essas metáforas militares associadas ao HIV e à AIDS são conhecidas desde a publicação do ensaio *A AIDS como Metáfora* (1988), da estudiosa e ativista Susan Sontag. Comovida pela epidemia da AIDS nos anos 80, a autora reescreve o mais antigo *A Doença como Metáfora* (1978). Antes focado no câncer e depois atualizado para o caso da AIDS, os textos revelam um entendimento metafórico das doenças, concluindo que, como a tuberculose era a “doença dos talentosos” e o câncer “a doença dos fracos”, a AIDS é associada aos “perversos, que vivem excessos sexuais”. A síndrome é ligada a uma metáfora militar, já que o vírus cumpre a função de “invasor”, o efeito no organismo é de “paranóia política” contra uma “ameaça” e a sentença é de “morte” (Sontag, 2010).

O diretor e roteirista Rodrigo de Oliveira, em entrevista ao portal Papo de Cinema¹², fez algumas declarações importantes sobre a obra. Paralelo à história dos soldados patriotas sustentados pelo Estado francês no curta de ficção científica *La jetée* (dir. Chris Marker

12

<https://www.papodecinema.com.br/entrevistas/os-primeiros-soldados-o-estigma-da-AIDS-esta-na-raiz-da-homofobia-que-a-gente-sofre-hoje-em-dia-afirma-rodrico-de-oliveira/>. Acesso em 09/08/2024.

1962), o filme de Rodrigo fala sobre os soldados que ficam fora da história. As primeiras pessoas que viveram com o HIV, cujas trajetórias são esquecidas. O diretor lembra que no cenário de lançamento do seu filme, o país estava dominado por metáforas militares na política, o que, ancorado pelos estudos históricos, faz ainda mais sentido trazer os homens gays e as travestis como soldados de uma batalha que precisa ser contada.

FIGURA 3 - Abertura do filme.



Fonte: Acervo do autor. Captura de tela.

Em 1982, o Brasil tinha notificado seu primeiro diagnóstico de HIV/AIDS, localizado na cidade de São Paulo, mas os sinais apareciam desde 1980, segundo consta o histórico da AIDS no país pelo Ministério da Saúde¹³. Em 31 de Dezembro de 1982, na ficção ambientada na cidade de Vitória¹⁴, o HIV/AIDS basicamente não é mencionado. A presença se dá nos traços do adoecimento, como no sangramento nasal e nas tosse de Suzano e a menção à febre de Rose. Acompanhados desses sintomas, há introversão nos personagens e o silêncio da ameaça que se anuncia. Inicialmente sutis, os sinais vão se transformando em tosse mais intensas, sarcomas em diversas regiões do corpo, magreza excessiva, queda de cabelo e lapsos de memória. Trata-se do vírus já anunciando a síndrome, mas não é nomeado.

¹³ <https://antigo.AIDS.gov.br/pt-br/centrais-de-conteudos/historia-AIDS-linha-do-tempo>. Acesso em 09/04/2024.

¹⁴ O diretor Rodrigo de Oliveira disse em entrevista ao portal Plano Crítico que a primeira notificação de HIV/AIDS na cidade de Vitória só veio a acontecer em 1985. https://www.planocritico.com/entrevista-rodrico-de-oliveira-olhar-de-cinema-2022/#google_vignette. Acesso em 09/08/2024.

Diferente do HIV/AIDS, os personagens da narrativa estão completamente fora do armário. As imagens mostram uma diversidade de gêneros e sexualidades, com expressões de identidades fora da matriz cisheterossexual e com recheadas demonstrações afetivas. As representações dessas identidades dissidentes à norma, no cinema, nem sempre foi tão natural. Louro (2008) demarca, de maneira geral, a transição da homossexualidade no cinema: inicialmente ocultada, depois vai ganhando associações com o trágico/dramático ou ridículo/caricato e, recentemente, se insere em narrativas mais múltiplas e plurais.

Em “Cinema vivido”, Bell Hooks (2023) afirma que o cinema não retrata a realidade, mas a reinventa. Por meio da sétima arte, aprendemos uma série de coisas, incluindo temas contemporâneos como raça, sexo e classe. As narrativas cinematográficas sobre essas questões aglutinam uma série de discursos, cheios de pontos de vista, inclusive combinando posições contrárias: conservadoras e progressistas. Para a autora, dificilmente o público consegue captar essas diferenças. A sedução das imagens têm poder sobre a audiência.

É importante considerar que, como em muitas outras ficções que retratam a primeira onda da epidemia, o filme utiliza as identidades marginalizadas para a personificação do vírus, aqui no caso são os jovens gays, Suzano e Humberto, e a mulher trans, Rose. Não é difícil concluir que se trata de uma tentativa de aproximação da ficção com a realidade, constatado o percurso de um vírus que, no Brasil e no mundo, afetou principalmente essa comunidade. No entanto, o interesse central aqui é pensar os efeitos da permanência dessa representação no cotidiano e na contemporaneidade.

Como lembra Alós (2019), o grande impacto do HIV/AIDS se deu na maneira de se relacionar com a própria identidade sexual e suas práticas. O advento da AIDS alterou profundamente as atitudes voltadas para a liberdade sexual e a subversão das moralidades heteronormativas. Taxados como comportamentos de risco, as práticas foram encaradas não mais como posturas políticas da vanguarda sexual, mas como atitudes irresponsáveis e autodestrutivas.

Claro que avanços significativos aconteceram no contexto da vivência com o HIV. Teve-se um salto da doença fatal com imagens cadavéricas para um quadro de aparência saudável, longevidade e conquista de direitos. Entretanto, ainda é possível constatar as rejeições sociais e afetivas que levam à escolha pelo sigilo da sorologia ainda atualmente, uma vez que o HIV/AIDS sempre esteve carregado de desinformação, julgamento moral e preconceito. É comum que as representações do HIV/AIDS, mesmo após quatro décadas, ainda estejam diretamente relacionadas à homossexualidade, ao castigo, à promiscuidade, à

aparência do “aidético”¹⁵, à ideia de contaminador em potencial e à sentença de morte, levando as pessoas que vivem com HIV a situações de medo, vergonha e culpa (Muniz; Brito, 2022). Nota-se que alguns sentidos permanecem, mesmo quando deveriam ser tratados como ultrapassados.

A insistência dessas “antigas imagens” como representações pode impactar de diferentes maneiras no cotidiano atual, reforçando concepções errôneas. Além disso, como é possível elaborar sobre o presente ou refletir o futuro atento unicamente ao passado? A carência de narrativas atuais e o silenciamento ainda constante abrem brechas para equívocos diversos, como o entendimento de que o HIV/AIDS ficou para trás ou que o vírus escolhe unicamente o sangue de homossexuais e transexuais para circular, quando estudos sobre a realidade atual fazem outras considerações urgentes: os homens heterossexuais têm se infectado e estão vulneráveis (Knauth *et al*, 2020). Ainda é preciso lembrar (e representar) que o HIV não tem identidade e nem escolhe o gênero.

Outras representações também são constatadas na ficção analisada. Mesmo no desespero que caracteriza a narrativa de primeira onda, ainda sobra espaço para outras significações do adoecimento em meio a barbárie. Suzano, no mesmo ato de abertura do filme, diz que “a AIDS pode ser maravilhosa”, sendo uma “invenção moderna genial”. Afinal, se a vida não fixa tempo determinado para a morte, a AIDS o faz. Cada degrau é um aprendizado, em que se descobre justamente a vida. O mesmo personagem chega a dar boas vindas às novas feridas que aparecem, buscando senso de humor na dura realidade e soando cômicamente trágico. Para os autores Muniz e Brito (2022), as representações sobre HIV/AIDS podem ser otimistas quando considerado o sentimento de pertencimento a um grupo social, o renascimento causado pela experiência e o entendimento de que o diagnóstico é de HIV, não de AIDS.

O registro de culturas históricas e dissidentes torna *Os primeiros soldados* um filme de representações necessárias para se lembrar do que foi esquecido, inclusive por ser centralizado na cena brasileira. Ao falar em “primeiros”, não tem como desconsiderar que existem os “segundos”, e esse é o legado deixado pela obra. Isto é, o passado só é possível de ser pensado pela via do presente, através do recurso da memória. Só que o entendimento desse presente se faz urgente, para que as representações incorporem os novos significados e para que se defina o que de fato ficou para trás e o que ainda é permanente.

¹⁵ Termo pejorativo, que não deve ser utilizado, para se referir ao corpo magro das pessoas que estão em estado avançado de infecção pelo HIV e sem tratamento.

É importante lembrar que no contexto de desinformação constante e de uma realidade controversa, ausente de narrativas contemporâneas sobre HIV/AIDS, se faz necessário que o cinema e a sociedade elaborem ainda novas representações, indo além do fatalismo, das metáforas de guerra, do sofrimento, dos corpos/identidades já previstos e das realidades já anunciadas. São necessárias novas representações que abordem o presente e não se pode fazer isso mantendo o HIV/AIDS no armário.

6.2 ENTRE O ESTIGMA E A SOLIDARIEDADE: CONVERGÊNCIAS EM MEIO A DIVERGÊNCIAS

Descendo do ônibus aos berros, a personagem Rose é introduzida ao filme. Exaltada, ela cospe palavras no que parecia ser uma situação crítica. Em meio aos gritos, é possível constatar a sua queixa de uma violência sofrida no serviço de saúde. Uma mulher a acolhe em meio ao trânsito. Rose a reconheceu, era Maura, a irmã do seu antigo colega Suzano, que é enfermeira. Rose desabafa que o problema vivido não foi causado pelo seu resfriado, mas porque é travesti.

FIGURA 4 - Rose descendo do ônibus, aos berros.



Fonte: Acervo do autor. Captura de tela.

A situação relatada pela personagem sugere que, antes da doença, ela é violentada pela sua identidade de gênero. Esse é o principal motivo de sua crise. Segundo Peres (2004), a vivência de travestis e transexuais é marcada por uma impossibilidade de exercício do direito à cidadania. As “redes de exclusão” são ondas de marginalidade vividas por essa população que se inicia na exclusão familiar e invade outros setores da vida cotidiana e pública. Essas formas de discriminação têm grande influência no estado emocional de travestis e transexuais, levando ao sofrimento psíquico e às crises.

Ao longo da história, a vivência de pessoas LGBTQIAPN¹⁶ alterna entre episódios de violência e resistência. Nos anos 60 e 70, uma “revolução cultural” protagonizada pela juventude e por intelectuais impactou com novas contestações políticas progressistas, dando uma impressão do fim de preconceitos. Nesse período, é possível perceber a consolidação de um “movimento homossexual” e da afirmação de estilos de vida que culminaram na legitimação pública dos sujeitos homossexuais e de suas práticas. Com a ascensão da AIDS na década de 80, as supostas antigas concepções da homossexualidade como doença são retomadas, junto ao discurso de que tais comportamentos são “perversos”. Ao mesmo tempo, é inegável que a cena da AIDS trouxe à tona também uma reação forte em termos de solidariedade, com novas formas de organização coletiva, que culminou em expressões como a de “orgulho gay” e em culturas com estilo de vida e consumo particulares que se perdurou dos anos 90 adiante (Pereira, 2004).

Ainda assim, a AIDS representou um perigo mortal, contrastando com a liberdade sexual alcançada após a revolução cultural que se iniciou. As transformações no corpo ocasionadas pelo vírus evidenciaram o “desvio moral” do sujeito, levando às manifestações do estigma, que perduram até mesmo depois da morte, atingindo também os seus bens/posses e as pessoas de seu entorno. Na medida em que foram se tomando iniciativas e respostas para a AIDS, parte da própria sociedade civil participou ativamente com a construção de lares de fraternidade. Pode-se dizer que, nessa trajetória, episódios de violência e resistência se alternam, tratando-se de um contraste social com movimento cíclico: estigma e solidariedade, vice-versa (Gonzaga, 2019).

Sobre o estigma, Goffman (2004) explica da referência feita a um atributo profundamente depreciativo do sujeito, seja a abominação ao corpo, ao caráter ou a raça. A partir disso, o sujeito diferenciado como “normal” constrói uma teoria do estigma para o

¹⁶ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, queer, intersexuais, pansexuais, não-binários e mais.

considerado “anormal”, explicando ideologicamente sua inferioridade e seu perigo para a sociedade, para justificar seu tratamento inadequado.

Para Parker e Aggleton (2021), progressos foram feitos no desenvolvimento e na combinação de diferentes métodos de prevenção ao HIV/AIDS, em compensação, pouco se avançou na superação do estigma e da discriminação. Esses processos sociais atuam na produção de relações de poder e do exercício de controle na sociedade. Não se tratam de violências de ordem individual ou episódica, mas históricas, estratégicas e definidoras da reprodução de desigualdades sociais, legitimando a dominação de alguns sobre os outros. Essas reações adversas com os corpos que vivem com HIV surgiram muito antes, por estarem associadas aos estigmas da sexualidade, classe, gênero e/ou raça. E também porque compõem o quadro de doenças, semelhantes a outras epidemias, que levam ao isolamento e à exclusão das pessoas infectadas.

No filme, o percurso dos personagens os leva ao isolamento. Ao desaparecerem, Suzano, Rose e Humberto não deixam vestígios. Diferente de Suzano, os personagens Rose e Humberto não têm apoio familiar. A preocupação com o desaparecimento dos dois é inteiramente dos amigos e pares. Na casa de campo em que permanecem em sigilo, Humberto é convencido a voltar à cidade pelos amigos, já que é o “mais saudável” entre eles. O garoto teme a ideia de um outro abandono: o primeiro, por ser gay, lhe tirou o lar, o segundo, por viver com o HIV/AIDS, pode lhe tirar outro lar e todo o resto, inclusive a vida.

As experiências com o estigma do HIV/AIDS estão presentes em diversos setores sociais, como na família, no trabalho e até no sistema de saúde. Algumas situações violentas no setor saúde se expressam na recusa ao tratamento, na quebra de sigilo e na falta de conhecimento (Parker; Aggleton, 2021). Em *Os primeiros soldados*, o serviço de saúde demonstra desrespeito à identidade de gênero de Rose e os profissionais da unidade básica não tiveram coragem de encostar nem mesmo no corpo falecido de Suzano.

Para Bastos (2013), o que surpreende é a persistência com que o HIV/AIDS continua sendo visto em países como o Brasil, como um fenômeno que leva necessariamente à morte. A hegemonia das intervenções biomédicas em detrimento de outras mais abrangentes e atentas aos determinantes estruturais podem explicar esse cenário. É preciso “destecer metáforas que contribuem para a estigmatização e marginalização das pessoas que vivem com HIV/AIDS”, lembra o autor (Bastos, 2013, p. 100).

Para Cazeiro, Silva e Souza (2021), as crises políticas, os retrocessos na saúde pública e uma “agenda de valores morais” que baniram categorias historicamente centrais à prevenção do HIV (como o “gênero”), da última década no Brasil, têm sido parte dos

desafios atuais. Os autores apostam no entendimento de que a resposta atual à AIDS é marcada por um projeto “necropolítico”. Essa noção de Achille Mbembe (2018) diz respeito ao funcionamento dos Estados modernos, que, a partir do exercício da soberania, delegam sujeitos à condição de objetos, determinando quem pode viver e quem pode morrer.

O momento atual da resposta à AIDS é marcado pela dupla tensão entre o fazer viver, a partir da ampliação da oferta universal de tratamento, versus o fazer morrer, pelo reforço das situações de estigma e discriminação contra as populações vulneráveis (Cazeiro *et al*, 2021). Essa diferença possibilita a experiência de cronificação para alguns e relega outros à morte e abandono, a partir das diferenças sociais existentes.

A personagem Rose sugere intencionalidade parecida quando chega a mencionar que “eles tentam nos matar desde que o mundo é mundo”. Ironiza a “coincidência” sobre a doença que só mata “puta, viado e drogado”. Para ela, inventaram a AIDS, algo semelhante a uma “máquina de guerra”, na concepção necropolítica de Mbembe (2018). E essa situação fez convergir a vivência entre os três, tão parecidos, mas também tão diferentes. Humberto é um homem gay preto que veio da roça, Suzano é um homem gay branco que vive da herança dos pais numa república na França e Rose é uma pessoa trans de fenótipo ambíguo (parda) que parou de estudar na quinta série. “Se esta peste é gay, a mãe é travesti!”, proclama Rose, resistindo, mas sugerindo que existe uma diferença mesmo entre pares.

Destarte, alguns sujeitos estarão mais expostos à vulnerabilidade social do que outros. A heteronormatividade corrobora a existência de uma hierarquia das sexualidades (Rubin, 2003). Nesse contexto, a população LGBTQIAPN+, com ênfase nas travestis e transexuais, são colocados à margem da sociedade (Monte; Nascimento, 2020). Essas diferenças na comunidade recaem em territórios de disputa e negociação, uma verdadeira “guerra dos mundos”. Esse panorama demanda reconhecer as combinações diversas que resultam das diferenças entre gênero, sexualidade, raça/cor e etc., atento às hegemonias e considerando a complexidade da formação dos sujeitos sociais (Pinho, 2004; Akotirene, 2019).

Essas diferenças entre os pares estão presentes na obra, mas abre-se um espaço considerável para a comunhão das semelhanças que existem. As lentes da câmera de Humberto, com o primeiro objetivo já solidário de avisar sobre a AIDS para o mundo, inevitavelmente também virou registro de histórias íntimas de vida, gracejos entre amigos e expressões do sofrimento e da angústia frente ao corpo adoecido. Os companheiros constroem uma rede de cuidados, analisam e tomam notas sobre as mudanças corporais, cozinham enquanto encenam conversas lúdicas para a câmera e costuram as roupas uns dos outros para acompanhar a magreza que anuncia o avanço do vírus.

As violências produzem maior vulnerabilidade ao HIV em populações já marginalizadas, que agenciam entre si modos de lidar com as barreiras de acesso, produzindo formas de resistência ao poder por meio da solidariedade política. O manejo dessas situações sugere a importância do apoio social, necessário às travestis e mulheres trans quando acessam os dispositivos de saúde frente a experiência com o HIV/AIDS. A noção de “irmandade travesti” descreve bem o modo como as trans e travestis combatem o estigma, a partir de ações programáticas de educação, proteção e cuidado entre si, reivindicando a legitimação da diversidade de seus corpos. As semelhanças se aproximam e as diferenças não são excluídas. Trata-se de uma política baseada no afeto (Silva Junior; Mauro; Monteiro, 2022).

Conclui-se aqui que, em meio ao estigma, é possível construir laços solidários. As diferenças não vão cessar, mas é preciso encontrar os pontos em comum na direção ao mesmo objetivo. O filme sobrepõe constantemente a violência e a irmandade, que coexistem. A história do filme lembra o estigma persistente que não é só atribuído ao HIV/AIDS, inicia-se com a homofobia e a transfobia, mas uma saída está na consolidação de movimentos sociais e coletivos.

Novas formas de ativismo estão preenchendo a cena do HIV/AIDS hoje. A Loka de Efavirenz¹⁷ é um exemplo de coletiva que converge política e afeto, por meio da linguagem artística e performática (Oliveira; Simões, 2022). A teatralização da dor permite que jovens ativistas criem performances da própria vida, transformando o que era visto como uma maldição que condena o destino de jovens gays (“HIV-profecia”) para um lugar de acesso ao cuidado, à alteridade e às trocas afetivas (“HIV-território”) (Melo *et al*, 2021). No filme, em alusão possível à potência do próprio cinema, a mobilização artística e social se dá através da linguagem imagética e audiovisual, pontos importantes para a investigação do andamento de processos comunicativos em saúde.

6.3 AS IMAGENS QUE INFORMAM E COMUNICAM SOBRE CIÊNCIA E SAÚDE

Suzano representa mais diretamente o corpo magro que percorre o imaginário do HIV/AIDS, enquanto Rose caracteriza a resistência que se faz necessária frente à violência sofrida. Já o responsável pela ênfase dada às imagens foi o personagem Humberto, o garoto rejeitado pela família que passa a maior parte da narrativa atrás de sua câmera, cumprindo

¹⁷ Para maiores informações, acessar a página da coletiva no instagram: <https://www.instagram.com/loka.de.efavirenz/>. Acesso em 19/08/2024.

papel importante no entendimento da utilização de vídeos para registros de memórias afetivas e estratégias de comunicação.

Exceto em algumas situações na casa do campo, à vontade entre amigos, Humberto se mantém fora das imagens que registra, cheias de arte, afeto e intensidade. Há duas cenas do filme em que Humberto se destaca: uma com Jean, antigo amigo de infância que o encontra na saída da boate na noite de réveillon. Nessa noite, Jean faz descrições sobre Humberto ser tão diferente de todos, já que é retraído. E a segunda cena, na casa de campo, na análise das manchas que começaram a aparecer em seu corpo. Entre os amigos, ele tinha se infectado por último. Na primeira cena, a câmera é da produção do filme. Na segunda, a lente é da câmera de Humberto, o personagem.

A câmera do personagem planeja comunicar sobre o HIV/AIDS para a população na trama. A câmera da produção do filme *Os primeiros soldados* no geral convoca o tema e enfatiza a função das imagens, criando a metalinguagem, quando se destaca a própria linguagem utilizada na comunicação. No caso, o audiovisual é destacado no audiovisual. Humberto, no papel de videomaker, faz cinema no próprio cinema.

FIGURA 05 - Rose e Suzano tomam notas sobre as manchas de Humberto, enquanto eram filmados.



Fonte: Acervo do autor. Captura de tela.

Os meios informativos e as expressões culturais visuais, como o cinema, têm contribuído, através da linguagem imagética, no processo de aprendizagem de crianças, jovens e adultos, facilitando a formação do imaginário social (Pires; Silva, 2014). Na narrativa do filme, os personagens recorrem à imagem para fazer a circulação do conhecimento, como uma estratégia de comunicação do risco.

A ficção possui uma linguagem eficaz para a conscientização do espectador sobre os problemas sociais. Balbino (2019) analisa as telenovelas, que, além do entretenimento, tem incentivado a reivindicação dos direitos sociais, o desenvolvimento de políticas públicas e a disseminação de conhecimentos sobre temas ligados à saúde pública por meio de suas tramas. Algumas produções da teledramaturgia brasileira chamam atenção por seu impacto, como as novelas “Laços de Família” (2001) e “Mulheres Apaixonadas” (2003), ambas de autoria de Manoel Carlos. A primeira conscientizou para o diagnóstico/tratamento da leucemia, enquanto a segunda teve papel importante no debate público que resultou na aprovação do Estatuto do Idoso no Congresso Nacional.

No campo da saúde pública, com a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS), a comunicação serviu como instrumento para a autonomia cidadã em relação à saúde. Aparelhos estatais institucionalizaram a “comunicação em saúde”, definindo diretrizes de comunicação pública das suas políticas e instrumentos de intervenção. Mesmo nas mídias de massa, como na televisão aberta, a comunicação do conhecimento em saúde pública é veiculada. Entretanto, é importante considerar que a difusão de informações nesses veículos não descarta as problemáticas relacionadas à falta de acesso e dos empecilhos à autonomia do sujeito (Xavier, 2006).

A epidemia de HIV/AIDS foi marcada pela cobertura midiática e pela comunicação institucional através de campanhas em imagens e vídeos. De acordo com Portinari e Wolfgang (2017), os diversos meios de comunicação divulgaram as primeiras imagens e informações vinculadas à AIDS, cujas causas levantadas para a explicação faziam referência ao “estilo de vida alternativo” (comportamento homossexual), com informações imprecisas e errôneas, o que influenciou todo o tratamento discursivo e imagético ainda presente.

A Revista Veja, por exemplo, apresentou capas e conteúdos emblemáticos sobre a questão do HIV/AIDS. Na edição 1.077, de 26 de Abril de 1989, a revista estampa Cazuza, de corpo magro e fragilizado, sob o título “Cazuza - Uma vítima da AIDS agoniza em praça pública”. Em outra edição, nº 1.040 de 10 de Agosto de 1989, têm na capa a frase “Os que vão morrer contam sua agonia”, reforçando assim a linguagem fortemente associada às

metáforas militares (morte, agonia e condenação) que Sontag (2010) se referia, o que recai na estigmatização (Tonzar; Zanardi, 2019).

Por outro lado, a MTV Brasil, canal filial do americano Music Television (MTV), foi modelo de algumas estratégias comunicativas sobre o HIV/AIDS na televisão aberta. Idealizado para as culturas juvenis, com forte ênfase na programação musical e audiovisual (vinhetas e principalmente videocliques), a MTV é referência na abordagem do tema com campanhas de prevenção. Lemos (2006) historiciza as campanhas produzidas no canal brasileiro, percebendo uma trajetória marcada pela dedicação na abordagem de temáticas de relevância social, a partir da aproximação com o contexto nacional e com a perspectiva dos direitos humanos, repensando ainda os modelos de comunicação, já que o público-alvo eram os jovens.

As “campanhas de prevenção”, do Ministério da Saúde, são peças publicitárias que acabaram funcionando como interlocutoras dos rumos da epidemia do HIV/AIDS. Com o avanço das mudanças no que se refere ao tratamento e às descobertas científicas, alterava-se o formato da prevenção. No início dos anos de 1980, as campanhas faziam forte apelo ao medo, focando no caráter mortal da doença, mas, na segunda metade da mesma década, já se investia em comerciais de televisão que colaboraram com a informação e com a desestigmatização. Posteriormente, o lançamento de campanhas na época do carnaval se tornou uma tendência e, a partir de 1993, há predominância de campanhas que dão ênfase à responsabilidade individual sobre o uso da camisinha para o “sexo seguro” (Portinari; Wolfgang, 2013).

Diferente das telenovelas e da MTV, a comunicação nas instituições de saúde tende a seguir um modelo instrumental, prescritivo e unilateral, o que gera falta de entendimento e envolvimento por parte do público. Para a efetivação da comunicação sobre o HIV/AIDS, por exemplo, são necessárias algumas competências, como a construção do vínculo, as aproximações com os costumes culturais, a escuta ativa, o diálogo e o uso de tecnologias digitais de comunicação instantânea (Portinari; Wolfgang, 2017; Barcelos; Aguiar, 2019).

Considerando a importância da abordagem comunicativa, Serafim (2010) defende uma “teoria da comunicação social do conceito de saúde”, que torne as ciências biomédicas mais esclarecedoras às diferentes classes sociais. Para isso, é preciso que se busque um consenso quanto à concepção de saúde, que seja acessível e que compreenda os diversos corpos em atividade, considerando a complexidade funcional de todo o organismo vivo.

Nas polaroids e nas fitas cassetes de Suzano, Rose e Humberto, as imagens das marcas no corpo eram as únicas fontes de informação possíveis naquele contexto. Ao

espalhar as imagens no chão da boate Genet, os personagens queriam mostrar a doença que acometia o organismo, sem nome. O corpo adoecido em imagens se tornou fonte de informação sobre a saúde coletiva. Nas cenas filmadas na casa de campo, o trio não apenas anunciou o risco sanitário, mas figurou estratégias de enfrentamento e elaboração do acontecido, por meio da arte. Os registros em vídeos permaneceram preservados por Muriel, o sobrinho de Suzano, reforçando ainda mais o lugar da memória na narrativa, inclusive como função do audiovisual.

O filme *Os primeiros soldados* sinaliza a comunicação (por meio do cinema/audiovisual) como aliada e estratégica, para a informação popular, para o registro histórico e para o incentivo aos modos de agenciamento em saúde. As iniciativas comunicativas do trio, no filme, se atualizam nas experiências contemporâneas fora da ficção, como é o caso do podcast “Preto Positivo”, no streaming de áudio *Spotify*, cujo objetivo é perpetuar informações sobre ciência e saúde no contexto do HIV/AIDS através da comunicação instantânea e da abordagem inclusiva.

A VideoSaúde¹⁸, produtora e distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), criou a “Fioflix”, uma plataforma que conta com um catálogo extenso de filmes relacionados à saúde coletiva, ciência e tecnologia, sendo pertinente para a abordagem de temas complexos do campo. Nesse sentido, abrem-se portas para a elaboração e perpetuação de outras iniciativas potentes utilizando imagem e som para a comunicação em saúde nas diferentes ferramentas, como no *Youtube* (uma plataforma pública de vídeos de grande acesso), nas redes sociais e nas demais produções audiovisuais.

6.4 OS PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DO ADOECIMENTO

A última categoria é dedicada a discutir sobre os aspectos psicossociais envolvidos na experiência de adoecimento presentes no filme. Do sofrimento advindo do desconhecimento das causas e tratamentos da doença até às vivências compartilhadas nas relações sociais, a obra sinaliza esses fatores psicossociais que compõem a trajetória e o impacto do HIV/AIDS. No filme, esses processos atuam tanto na determinação e caracterização da experiência de adoecer, como nos modos de se mobilizar para o cuidado.

Fleury-Teixeira (2009) refere-se à autonomia, ao reconhecimento, à segurança, à recompensa em face do esforço e as frustrações/realizações vividas como “determinantes

¹⁸ Para maiores informações, consultar o site: <https://videosaude.iciet.fiocruz.br/fioflix2024/>. Acesso em 19/08/24.

psicossociais” do adoecimento. Mesmo sutis, esses determinantes são ligados à saúde e igualmente intensos aos danos biológicos/fisiológicos. Martins (2004) afirma que esses fatores psicossociais dizem respeito às experiências dos indivíduos no ambiente social, que podem gerar o estresse e a fadiga, sendo riscos para a saúde mental, já que levam ao desconforto emocional e aos problemas no comportamento.

As pessoas vivendo com HIV/AIDS (PVHA) têm alta prevalência de depressão, associada a outros eventos de alteração da saúde mental, como ansiedade, distúrbio do sono e ideação suicida (Rodvalho *et al.*, 2018). *Os primeiros soldados* aborda esses fatores psicossociais que podem advir da vivência com o vírus em sociedade. Ao longo do filme, os personagens estão silenciosos, envoltos na solidão da própria angústia e medo do desconhecido. Desesperados com o avançar da doença, quando isolados e desaparecidos, chegam a pactuar que a morte é um direito. Humberto fica encarregado de esconder e manejar os “remédios para a morte”. O desconhecido, que avança e aniquila, coloca os amigos em situação de vulnerabilidade psicossocial.

Oliveira (2011) lembra a relação imposta entre o sofrimento psíquico e o isolamento ao longo da modernidade, que atingiu algumas camadas da sociedade. Os “loucos” eram considerados inaptos, imorais e indisciplinados, delegados para fora do convívio social. Com o surgimento da “contracultura” em meio a revolução cultural dos anos de 1960, houve contestação desse sistema hegemônico por jovens, intelectuais e artistas, levando alguns destes grupos à “mira” daqueles que mantêm o poder. Classificados como “loucos” e “subversivos”, foram mantidos em isolamento e submetidos a diversas formas de tratamento ou punição. A busca de uma geração pelo prazer e pela liberdade da expansão da consciência, divergente em relação ao sistema, levou a experiências dolorosas de isolamento em hospitais, com tratamento de choque elétrico e coma induzido, sob o motivo de serem “insanos” e “anormais”.

É fato que existe uma diferença entre o isolamento imposto por um dispositivo de controle, com punições severas, e a dos amigos no filme, que criaram um ambiente de solidariedade entre si. Mesmo assim, o isolamento se faz comum e o sofrimento advindo dele também. Uma das cenas de maior desespero e proximidade com a morte voluntária é quando o esposo de Suzano morre, o francês Adrian. O personagem francês não aparece uma vez sequer, estando sempre do outro lado do gancho do telefone, e morre antes de todos.

Além de triste pela morte do esposo, Suzano também fica sem esperanças de que as coisas vão melhorar, afinal, Adrian também estava enviando medicamentos (antialérgicos, vitaminas, entre outros) para que o trio pudesse experimentar. Suzano entra em crise diante da

suposta estupidez de permanecer na casa de campo, já que se até na França se morre, imagine ali. A emoção o leva a dizer que o destino de Humberto é a rejeição social e o de Rose é a morte com o nome de registro civil publicizado no lugar do nome social. Enquanto Humberto corre em desespero para pegar os “remédios da morte”, Rose acolhe Suzano, que solicita a ela que mascare a realidade, que minta para ele. Ela o diz:

“Dentro dessa caixa nova que a gente vai buscar hoje, tem um antirretroviral novo. Uma coisa russa, Europa Ocidental, bem obscura. A gente toma e funciona, pelo tempo que precisa, três meses. Um americano descobre a vacina. Daqui a três meses começam os testes e a gente entra. Daqui a seis meses, nosso nível de T4 já chegou a 200, estamos ganhando peso. Daqui a um ano, não vai ter mais nada, nem em você, nem em mim, nem em ninguém, nada. Daqui a dois anos, ninguém vai lembrar que isso um dia aconteceu” (OS Primeiros Soldados, 2021).

FIGURA 6 - Suzano busca os medicamentos enviados por Adrian, da França.



Fonte: Acervo do autor. Captura de tela.

O desespero de Suzano e a saída idealizada por Rose apontam para uma concepção biomédica do tratamento em saúde e para a expectativa da salvação cuja origem é estrangeira. Isso pode se dar em função dos efeitos do processo de colonização do Brasil, que impõe modos europeus de viver, ver e produzir em outros territórios. A colonialidade se atualiza com novos arranjos de opressão, no exercício permanente do fazer esquecer para permanecer

e explorar. A modernidade se tornou um programa de pensamento para a concretização do que é europeu como medida de todas as coisas. Violências como o racismo e o sexismo são expressões da colonialidade, que instauram padrões de sociabilidade e de formação de subjetividades. Nesse cenário, a biomedicina é parte constitutiva da ciência ocidental moderna, tendo se beneficiado das experimentações de base colonial e se fazendo hegemonia da razão sobre as demais epistemologias (Gonçalves *et al.*, 2019).

Nesse contexto, o projeto colonial instaurou a divisão geográfica e corpórea do conhecimento, sugerindo alguns lugares e corpos específicos como produtores de saber em detrimento de outros, como lembram Cazeiro, Leite e Costa (2022). A própria construção do discurso sobre o HIV/AIDS se deu a partir de uma lógica colonial, reforçado pela metáfora da peste, de que os riscos estão soltos por aí, no “sangue sujo”. Hoje, a desigualdade entre os que vivem com HIV/AIDS e os empecilhos para acesso aos medicamentos revelam uma política que reproduz os traços coloniais discriminatórios de raça e classe. Para os autores, isso convoca outros olhares para as respostas ao HIV/AIDS, que intervenham nos processos que determinam essas diferenças sociais.

Quando a personagem Rose fantasia a vacina e as descobertas experimentais advindas do poder médico, idealiza um modelo estrangeiro e ocidental de se fazer conhecimento científico e de buscar respostas às doenças. Mais que isso, o drama da cena citada aproxima o território do Sul Global da condição de retrógrado e desesperançoso, enquanto o Norte Global seria o “salvador”. A origem familiar vulnerável de alguns personagens, as dificuldades financeiras dos trabalhadores da arte e a falta de recursos da unidade de saúde são algumas das características presentes ao longo do filme que revelam a condição das pessoas e da cidade de Vitória naquele momento, reforçando a vulnerabilidade dos indivíduos e do lugar como determinantes psicossociais que compõem a narrativa.

Mesmo assim, escorregando em possíveis concepções dominantes de ciência, tratamento e território, o filme não é uma obra sobre HIV/AIDS e saúde que se restringe ao conhecimento biomédico, às tecnologias ocidentais e aos detentores de poder. Ainda que praticando o isolamento, idealizando a salvação estrangeira e desamparados pela condição local, os personagens de *Os primeiros soldados* utilizam do próprio conhecimento, espaço, afeto e arte para seguirem adiante. Enquanto sofrem, os mesmos personagens são cuidadores de si mesmos, cujas ações variam desde anotações das mudanças no corpo até atos performáticos encenados e filmados, como modo de elaboração e resposta ao acontecido.

Essas formas de agenciamento contribuem para outras respostas possíveis ao HIV/AIDS dentro da dimensão psicossocial. Vera Paiva (2002) sugeriu como perspectiva a

noção de “emancipação psicossocial” para refletir sobre a prevenção e a assistência no contexto do HIV/AIDS. A partir disso, considera-se a necessidade de espaços psico-educativos para o aprofundamento do entendimento das vulnerabilidades. Segundo a autora, o foco unicamente na prevenção das pessoas não-reagentes ao HIV, a desconsideração sobre as expressões de gênero e a perspectiva do sujeito como “consumidor” (passivo, em detrimento do “cidadão”, que é agente e sujeito de suas ações) são alguns desafios que exigem renovação das ações de cuidado. Como contraproposta, as políticas públicas devem se basear na educação dialógica (negociação e comunicação), nas vivências coletivas e na politização dos grupos psicoeducativos em busca da emancipação.

As questões psicossociais influenciam diretamente na experiência do adoecimento, o que reforça também a busca de respostas focadas nesses fatores, para além do enfrentamento biomédico. Mesmo no contexto da necessidade urgente de avanços tecnocientíficos para a manutenção da vida, a narrativa de primeira onda do filme dá importância às respostas que podem ser encontradas por meio dos saberes populares, das práticas políticas e das expressões culturais, fortalecendo assim os modelos comunicativos e dando ênfase justamente ao enfrentamento de dimensão psicossocial.

O filme *Os primeiros soldados* articula esses fenômenos, possibilitando que possamos vislumbrar as complexas dimensões emocionais, relacionais e territoriais, assim como suas interconexões possíveis no contexto da vivência com o HIV/AIDS e dos cuidados em saúde. É preciso valorizar as conquistas feitas no campo biomédico, que torna os episódios de desconhecimento, desespero e morte menos recorrentes, mas a produção audiovisual também lembra que não se pode perder de vista as vulnerabilidades emocionais, as relações de poder, os processos desiguais, as violências sofridas e os apagamentos históricos, que têm o grande poder de ditar os rumos de saúde e doença dos mais diversos segmentos populacionais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação aposta na força das imagens como fontes de elucidação sobre os problemas sociais e da saúde no contexto do HIV/AIDS, tais como o estigma e o sofrimento psíquico. No contato com as imagens que contam histórias de impacto no corpo e na condição social, abre-se um leque de possibilidades para o entendimento de sentidos que corroboram diretamente no imaginário social, em virtude da influência proporcionada pela força da cultura no cotidiano.

Por meio dessa pesquisa, foi possível construir sentidos acerca da saúde e da doença veiculadas na mídia audiovisual. *Os primeiros soldados* é uma das diversas obras fílmicas cuja narrativa persiste no período árduo dos anos de 1980, caracterizado pelas primeiras marcas da infecção pelo HIV/AIDS no corpo de gays e mulheres transexuais, aludindo ao corpo cadavérico e ao adoecimento veloz. O filme se ancora nas metáforas bélicas e nas narrativas de angústia, que, como devidamente discutido, abrem brechas para equívocos e dúvidas acerca do fenômeno, uma vez que se carecem de narrativas contemporâneas da vivência com o HIV, das formas atuais de prevenção e tratamento eficaz.

A narrativa de memória que sustenta o filme levou também a registros fundamentais, como da vida da população LGBTQIAPN+ circunscrita à cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo, sudeste do Brasil. As trajetórias de Suzano, Rose e Humberto refletem as formas de vida desses segmentos, que, ao mesmo tempo, são tão diferentes entre si e tão similares. Nesse paradoxo entre convergências e divergências, se torna possível a aliança em meio às diferenças. A violência enfrentada por essas pessoas vulneráveis é constantemente compensada com práticas de solidariedade entre pares. *Os primeiros soldados* não perde de vista esses fenômenos marcantes no próprio percurso do HIV/AIDS: o estigma pelo sangue e a irmandade convocada.

Foi percebido ainda que a própria potência do cinema é reforçada na obra analisada, gerando metalinguagem. A câmera do filme diversas vezes divide espaço com a câmera do personagem Humberto. As imagens se transformam em fonte de comunicação, já que, utilizando dos registros fotográficos e audiovisuais, se dá o desfecho da narrativa, cuja proposta é avisar da ameaça de doença anunciada no corpo. O filme dirigido por Rodrigo de Oliveira sugere a utilização de imagens e vídeos como fonte de comunicação sobre HIV/AIDS, ciência e saúde, possibilitando o entendimento desses fenômenos como aliados, desde que pensados a partir de uma abordagem inclusiva, sem cair na terrorização ou na

formalidade excessiva, que tem grande possibilidade de afastar populações e gerar preconceitos, em vez de integrar.

Apesar de algumas aproximações com o discurso dominante, esse mesmo cinema escolheu ainda não restringir a narrativa sobre saúde ao modelo biomédico, às tecnociências e aos espaços institucionais. Inclusive, os únicos registros dos dispositivos de controle em saúde no filme destacam os episódios de violência e desinformação contra as populações vulneráveis e o HIV/AIDS reproduzidas nesses espaços formalizados.

As crises em saúde mental junto às formas de acolhimento entre amigos e pela via da arte demonstram que não é só do corpo biológico, do poder médico e da medicalização que a resposta do HIV/AIDS se faz. O filme contribui com a exploração dos processos psicossociais, na medida em que escolhe caracterizar o repertório emocional dos personagens e localizar a condição social vivida por eles no território. A alternativa do filme em demonstrar o duro isolamento dos personagens e suas vulnerabilidades sociais deve servir para revelar a necessidade da integração e da emancipação psicossocial de pessoas vivendo com o HIV e de outras populações vulneráveis.

O estudo conclui-se na expectativa de mais aberturas e menos fechamentos no contexto do HIV/AIDS e nas possibilidades de alcance da pesquisa em saúde coletiva. A partir do desvio do paradigma biomédico e das rotas estreitadas com as linguagens culturais, sugerem-se outros modos de entendimentos e soluções acerca desses fenômenos desafiadores e complexos da saúde coletiva. Construir esses sentidos sobre o HIV, a AIDS e a saúde é ampliar as discussões e chamar atenção para a necessidade de um debate que se debruce sobre a história e a cultura, procurando registros dessas narrativas em sociedade. Tal feito não contribui unicamente no conhecimento de sentidos e significados de um dado documento histórico e cultural, mas abre espaço para a produção e construção ativas de outros sentidos e significados necessários à promoção da saúde, podendo o cinema ter papel fundamental nisso.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, R *et al.* A resposta brasileira à epidemia de HIV/AIDS em tempos de crise. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 12, p. 4599–4604, dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/8kskKTq9StVQYtMxrwr4KL/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 27 Dez. 2024.

ALÓS, A. P. Corpo infectado/corpus infectado: AIDS, narrativa e metáforas oportunistas. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 3, p. e57771, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/5d7MBcZ3rcnVPg7Qd4ZvQ5s/?format=html#>. Acesso em: 13 Set. 2024.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019. 216p.

ARAÚJO, F. J. C. A memória das representações de morte e AIDS no conto e no cinema da década de 80. **Dissertação (Mestrado em Letras)** - Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11529>. Acesso em: 26 Fev. 2024.

AYRES, J. R. Vulnerabilidade, Cuidado e integralidade: reconstruções conceituais e desafios atuais para as políticas e práticas de cuidado em HIV/AIDS. **Saúde em Debate**, v. 46, n. spe7, p. 196–206, 2022. Disponível em: [scielo.br/j/sdeb/a/MmhcWVjggvV9myjqz3XJTh/?lang=pt&format=pdf](https://www.scielo.br/j/sdeb/a/MmhcWVjggvV9myjqz3XJTh/?lang=pt&format=pdf). Acesso em: 26 Fev. 2024.

BALBINO, J. Merchandising social: a telenovela além do entretenimento. **Revista Em Perspectiva**, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 217-233, 2019.

BARCELOS, P. E. L.; AGUIAR, A. C. A comunicação sobre HIV nas práticas de saúde no Sistema Único de Saúde (SUS) - Brasil. **Revista Española de Comunicación en Salud**, suppl. 2, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/64212>. Acesso em: 30 Set. 2024.

BARROS, L. C. Patologias filmicas: subversão formal em narrativas doentes. **Dissertação (Mestrado em Estética e Estudos Artísticos)** - Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2021. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/118949>. Acesso em: 15 Out. 2024.

BASTOS, F. I. AIDS na terceira década. Rio de Janeiro: **Editora FIOCRUZ**, 2006. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/ck2pg/pdf/bastos-9788575413012.pdf>. Acesso em: 26 Fev. 2024.

_____. Da persistência das Metáforas: estigma e discriminação & HIV/AIDS. In: Estigma e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2013. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/hrc5s/pdf/monteiro-9788575415344.pdf#page=91>. Acesso em: 28 Ago. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod_resource/content/1/BARDIN__L._1977._Analise_de_conteudo._Lisboa__edicoes__70__225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf. Acesso em: 12 Ago. 2024.

BENETTI, H.; SANTOS, V. O percurso da AIDS pelo cinema. **Mosaico**. São José do Rio Preto, v. 17, n. 1, p. 119-140, 2018. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/revistamosaico/article/view/533>. Acesso em: 26 Fev. 2024.

BIGLER, N. AIDS: DISCUSSÕES E REFLEXÕES UNIVERSITÁRIAS. Rio de Janeiro: **Anais do XI Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades**, 2015. Disponível: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conages/2015/TRABALHO_EV046_MD1_S A3_ID958_24042015005540.pdf. Acesso em: 26 Fev. 2024.

BLASCO, P. G. Cinema, Humanização e Educação em Saúde. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar - RPI**, Cajazeiras, v. 1, n. 1, p. 03-20, 2017. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/125/121>. Acesso em: 12 Ago. 2024.

BOA Sorte. Direção de Carolina Jabor. São Paulo: Imagem Filmes, 2014. 1 DVD (100 min).

BOSI, M. L. M. Pesquisa qualitativa em saúde coletiva: panorama e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 575–586, mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/8NZjBqQKHGdkMW3TkVYWkVg/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26 Fev. 2024.

_____. Formar pesquisadores qualitativos em saúde sob o regime produtivista: Compartilhando inquietações. **Revista Facultad Nacional de Salud Pública**, vol. 33, núm. 1, 2015, pp. S30-S37, Colombia, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/120/12042407004.pdf>. Acesso em: 26 Fev. 2024.

BUSS, P.; FILHO, A. A Saúde e seus Determinantes Sociais A Saúde e seus Determinantes Sociais. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 17(1):77-93, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/physis/2007.v17n1/77-93/pt>>. Acesso em: 25 Ago. 2024.

BUTTURI, A. O HIV, O CIBORGUE, O TECNOBIODISCURSIVO. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, n. 2, p. 637–657, 2019. Disponível em: [scielo.br/j/tla/a/KgpnJBsDxVskHPqbLDc3FBp/?lang=pt&format=pdf](https://www.scielo.br/j/tla/a/KgpnJBsDxVskHPqbLDc3FBp/?lang=pt&format=pdf). Acesso em: 26 Fev. 2024.

CALAZANS, G. J.; PARKER, R.; TERTO JUNIOR, V.. Refazendo a prevenção ao HIV na 5ª década da epidemia: lições da história social da AIDS. **Saúde em Debate**, v. 46, n. spe7, p. 207–222, 2022. Disponível em: [scielo.br/j/sdeb/a/Qr9cptjJJgsCKJzQnJtJ4bw/?lang=pt&format=pdf](https://www.scielo.br/j/sdeb/a/Qr9cptjJJgsCKJzQnJtJ4bw/?lang=pt&format=pdf). Acesso em: 26 Fev. 2024.

CALIFORNIA. Direção de Marina Person. São Paulo: Vitrine Filmes, 2015. 1 DVD (90 min).

CAMPOS, C. J. G.. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611–614,

set. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/wBbjs9fZBDrM3c3x4bDd3rc/#>. Acesso em: 13 Set. 2024.

CAMPOS, M. S; COELHO, M. T. A. D. AS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DOS PORTADORES DA AIDS NO CINEMA. Salvador: **Anais do II Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/5235>. Acesso em: 26 Fev. 2024.

CANDIDO, L. *et al.* Ciência e Arte: uso de filmes como proposta pedagógica para o ensino de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). **Revista Insignare Scientia - RIS**, v. 4, n. 4, p. 40-52, 20 jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/11876>. Acesso em: 26 Fev. 2024.

CÁRDENAS, C. M. M. 40 anos de epidemia de HIV/AIDS: reconfigurações de uma agenda político-acadêmica. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 32, n. 4, p. e320400, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/JmMBxjYYr39p57MRJS8MBDd/?lang=pt>. Acesso em: 27 Dez. 2024.

CARMELO, B. Os Primeiros Soldados: “O estigma da AIDS está na raiz da homofobia que a gente sofre hoje em dia”, afirma Rodrigo de Oliveira. **Papo de Cinema**, 2021. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/entrevistas/os-primeiros-soldados-o-estigma-da-AIDS-est-a-na-raiz-da-homofobia-que-a-gente-sofre-hoje-em-dia-afirma-rodrigo-de-oliveira/>. Acesso em: 09 Ago. 2024.

CARVALHO, C. A. Cinema e AIDS no mundo da vida: representações de vida e morte. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2008. Disponível: bocc.ubi.pt/pag/carvalho-carlos-cinema-AIDS.pdf. Acesso em: 26 fev. 2024.

CAZEIRO, F.; LEITE, J. F.; COSTA, A. J. Por uma decolonização do HIV e interseccionalização das respostas à AIDS. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 33, p. e33024, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/QBDdjZzyPLw3kpPYqqsY93k/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 Out. 2024.

CAZEIRO, F.; SILVA, G. S. N. DA .; SOUZA, E. M. F. DE. Necropolítica no campo do HIV: algumas reflexões a partir do estigma da AIDS. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 5361–5370, out. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/WgVQktqZ8VtzLxk4Vxf3wPt/#>. Acesso em: 28 Ago. 2024.

CAZUZA - O tempo não pára. Direção de Sandra Werneck e Walter Carvalho. São Paulo: Sony Pictures, 2004. 1 DVD (98 min).

CLAMOTE, T. C. A saúde no cinema: imagens em movimento na estruturação de um campo de práticas. **Tese (Doutoramento em Sociologia) - Iscte (Instituto Universitário de Lisboa)**. Lisboa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/23079>. Acesso em: 26 Fev. 2024.

CORRÊA, A. R. No escurinho do cinema... Sobre HIV/AIDS, gênero e sexualidade em filmes hollywoodianos. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/13737>. Acesso em: 26 Fev. 2024.

DANIEL, H.; PARKER, R. A terceira epidemia: o exercício da solidariedade. In: PARKER, Richard; DANIEL, Herbert (org.). **AIDS: a terceira epidemia – ensaios e tentativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: ABIA, 2018. p. 13-31.

DEUS tem AIDS. Direção de Fábio Leal e Gustavo Vinagre. São Paulo: Vitrine Filmes, 2022. 1 DVD (81 min).

DIAS, L. F. *et al.* CINESUS: a discussão de saúde pública na universidade pela ótica do cinema. **Rev. APS**, Uberlândia, v. 22, n. 4, p. 815-832, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/16886>. Acesso em: 12 Ago. 2024.

EDUARDO, B. B.; RISSO, G. H.; PAIVA, V. I Mostra de Cinema sobre HIV/AIDS da Faculdade de Medicina da USP. A ampliação do conhecimento sobre uma epidemia por meio da discussão de filmes. **Revista de Medicina**, [S. l.], v. 91, n. 1, p. 16-18, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/58951>. Acesso em: 26 Fev. 2024.

FILHO, R. Pôde-se cantar o hiv/AIDS? A trajetória do vírus e da síndrome no pop rock brasileiro nas décadas de 1980 e 1990. **ArtCultura**. Uberlândia, v. 23, n. 43, p. 124-142, jul.-dez. 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8216305.pdf>. Acesso em: 27 Dez. 2024.

FLEURY-TEIXEIRA, P. Uma introdução conceitual à determinação social da saúde **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro. v. 33, n. 83, p. 380-387, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4063/406345800005.pdf>. Acesso em: 25 Ago. 2024.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade. Vol. 1: A vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

FREIRE, M.; SOARES, R. História e narrativas audiovisuais: de fato e de ficção. **Comunicação, Mídia e Consumo**, [S.L.], v. 10, n. 28, p. 71-86, set. 2013. Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v10i28.506>. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/506>. Acesso em: 25 Ago. 2024.

GARBOIS, J. A.; SODRÉ, F.; DALBELLO-ARAUJO, M. Da noção de determinação social à de determinantes sociais da saúde. **Saúde em Debate**. 2017, v. 41, n. 112, p. 63-76. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2017.v41n112/63-76/#>. Acesso em: 25 Ago. 2024.

GOFFMAN, E. **Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução: Mathias Lambert. Sabotagem, 2004. 124 p. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma_notassobreamanipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf. Acesso em: 25 Ago. 2024.

GONÇALVES, L. A. P. *et al.* Saúde coletiva, colonialidade e subalternidades - uma (não) agenda?. **Saúde em Debate**, v. 43, n. spe8, p. 160–174, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/K6WrycmkxTftSzLpHKzn46f/?lang=pt#>. Acesso em: 05 Out. 2024.

GONZAGA, M. Z. B. A AIDS entre suas relações de estigma e solidariedade em Teresina-PI. **Vozes, Pretérito & Devir**, v. 9. n. 1. 2019. Disponível em: <https://revistavozes.uespi.br/index.php/revistavozes/article/view/205/211>. Acesso em: 25 Ago. 2024.

GUTWILEN, M. Entrevista Rodrigo de Oliveira (Olhar de Cinema 2022). **Plano Crítico**, 2022. Disponível em: https://www.planocritico.com/entrevista-rodrigo-de-oliveira-olhar-de-cinema-2022/#google_vignette. Acesso em: 09 Ago. 2024.

HALL, S. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.: Apicuri, 2016. 260p. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/HALL_Cultura_e_Representa%C3%A7%C3%A3o_-_2016.pdf. Acesso em: 25 Ago. 2024.

HOOKS, B. **Cinema vivo: raça, classe e sexo nas telas**. Tradução: Natalia Engler. São Paulo: Elefante, 2023. 312 p.

INÁCIO, E. C. Carga zerada: hiv/AIDS, discurso, desgaste, cultura. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 29, p. 479, 2016. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/118885>. Acesso em: 26 fev. 2024.

JUNIOR, E. B. L *et al.* ANÁLISE DOCUMENTAL COMO PERCURSO METODOLÓGICO NA PESQUISA QUALITATIVA. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 44, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356>. Acesso em: 26 fev. 2024.

KAMEL, L. P. CINEMA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: UMA ANÁLISE DO FILME 120 BATIMENTOS POR MINUTO. **Monografia (Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência)** - Fiocruz. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/47429>. Acesso em: 26 fev. 2024.

KNAUTH, D. R. *et al.* O diagnóstico do HIV/AIDS em homens heterossexuais: a surpresa permanece mesmo após mais de 30 anos de epidemia. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n.

6, e00170118. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2020.v36n6/e00170118/#>. Acesso em: 28 Ago. 2024.

LEMOS, J. F. O risco em cena: análise das campanhas de prevenção à AIDS da MTV Brasil. **Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva)** - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://www.metuia.ufscar.br/pt-br/assets/arquivos/estado-da-arte/prioridade/joao-francisco-d-e-lemos.pdf>. Acesso em: 30 Set. 2024.

LIMA, M.; SANTOS, S.; SILVESTRE, C. S. B. CINEMA E PROMOÇÃO DA SAÚDE: EXPERIÊNCIA COM CINE-DEBATE. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, [S. l.], v. 8, n. 22, 2018. DOI: 10.25242/887682220181257. Disponível em: https://www.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/1257. Acesso em: 12 Ago. 2024.

LOURO, G. L. Cinema e sexualidade. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 33, n. 01, p. 81-97, jun. 2008. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v33n01/v33n01a08.pdf>. Acesso em: 28 Ago. 2024.

MARQUES, N. O cinema do terceiro mundo e a hegemonia política: o papel social do cinema. **Revista Estudos Culturais**, [S. l.], n. 7, p. 155-167, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/205225>. Acesso em: 26 fev. 2024.

MARTINS, M. C. A. Factores de risco psicossociais para a saúde mental. **Revista Millenium**, [S. l.], n. 29, jun. 2004. Disponível em: <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/575>. Acesso em: 02 Out. 2024.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5819072/mod_resource/content/1/MBEMBE%2C%20Achille%20-%20Necropolitica-n-1-Edicoes-2018.pdf. Acesso em: 01 Set. 2024.

MELO, L. P. *et al.* Do “HIV-profecia” ao “HIV-território”: um estudo de caso sobre juventude, subjetividade e ativismo em HIV/AIDS. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 31, n. 4, p. e310406, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/physis/a/8PqhfyLqTqPGkzXjMvzd7y/?format=html&lang=pt#>.

Acesso em: 20 Set. 2024.

MENEGHEL, S. N.; MINAYO, M. C. DE S. Envelhecimento com dependência: o que mostra o cinema. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, p. 67–76, jan. 2021. Disponível em: [scielo.br/j/csc/a/F654L9hr5Mc5zMn3xR97bbz/?lang=pt&format=pdf](https://www.scielo.br/j/csc/a/F654L9hr5Mc5zMn3xR97bbz/?lang=pt&format=pdf). Acesso em: 26 fev. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Boletim Epidemiológico - HIV e AIDS. **Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente**, Brasília, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/AIDS/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2024/boletim_hiv_AIDS_2024e.pdf/view. Acesso em: 26 fev. 2024.

MONTE, L. M. I.; NASCIMENTO, E. F. Eu sou assim, LGBT: solidariedade e direitos. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 221, p. 27-36, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41642>. Acesso em: 05 Set. 2024.

MUNIZ, C. G.; BRITO, C. O que representa o diagnóstico de HIV/AIDS após quatro décadas de epidemia?. **Saúde em Debate**, v. 46, n. 135, p. 1093–1106, out. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/bJ3jGxzKfFYnCKKWxfMhvSr/?lang=pt#>. Acesso em: 25 Ago. 2024.

OLIVEIRA, E. A. S. O conceito de dispositivo de sexualidade na obra foucaultiana a vontade de saber. **Kalagatos**, [S. l.], v. 12, n. 24, p. 89–108, 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6165>. Acesso em: 12 Ago. 2024.

OLIVEIRA, E. A.; SALLES, E. F. Quando cinema e saúde se cruzam: o HIV/AIDS em “Yesterday”. **ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 2 n. 3, 2015. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/2499>. Acesso em: 26 fev. 2024.

OLIVEIRA, P. B. G.; SIMÕES, J. A. Política sexual e ativismo de HIV/AIDS: a experiência da Loka de Efavirenz. **Saúde em Debate**, v. 46, n. 7, pp. 117-128, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2022.v46nspe7/117-128/pt/#>. Acesso em: 15 Set. 2024.

OLIVEIRA, W. V. A fabricação da loucura: contracultura e antipsiquiatria. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, v. 18, n. 1, p. 141–154, mar. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/mCXjJg5g9LGWSDKmXjvKHcg/?format=html&lang=pt#>.

Acesso em: 02 Out. 2024.

OS PRIMEIROS Soldados. Direção de Rodrigo de Oliveira. Paraná: Olhar Distribuição, 2022. 1 DVD (107 min).

PAIVA, V. Sem mágicas soluções: a prevenção e o cuidado em HIV/ AIDS e o processo de emancipação psicossocial. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 6, n. 11, p. 25–38, ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/hDxKnQvbTjFTTzqQ5RcYdRs/?format=html#>. Acesso em: 05 Out. 2024.

_____. Psicologia na Saúde: Sociopsicológica ou Psicossocial? Inovações do Campo no Contexto da Resposta Brasileira à AIDS. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 3, p. 531-549, dez. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751772002.pdf>. Acesso em: 27. Dez. 2024.

PARKER, R. Construindo os alicerces para a resposta ao HIV/AIDS no Brasil: o desenvolvimento de políticas sobre o HIV/AIDS, 1982 – 1996. **Divulgação em Saúde para Debate**, Rio de Janeiro, n. 27, 2003. Disponível em: https://abiAIDS.org.br/wp-content/uploads/2019/03/4-Construindo-os-alicerces-para-a-resposta-ao-HIV_AIDS-no-Brasil-o-desenvolvimento-de-poli%CC%81ticas-sobre-o-HIV_AIDS-1982-%E2%80%93-1996-2.pdf. Acesso em: 26 Fev. 2024.

PARKER, R.; AGGLETON, P. **Estigma, discriminação e AIDS**. Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, Rio de Janeiro, 2ª edição, 2021. p. 110. Disponível em: <https://abiAIDS.org.br/wp-content/uploads/2021/05/livro-digital-final-ESTIGMA-DISCRIMINA%C3%87%C3%83O-E-AIDS-pagina-espelhada-10052020.pdf>. Acesso em: 25 Ago. 2024.

PELUCIO, L.; MISKOLCI, R. A prevenção do desvio: o dispositivo da AIDS e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 1 pp. 125-157, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/29/26>. Acesso em: 26 Fev. 2024.

PENAFRIA, M. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). Lisboa: **Anais do VI Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação**, 2009. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 26 Fev. 2024.

PETTA, H. L.; AYRES, J. R. DE M.; TEIXEIRA, R. R.. Grande mídia e comunicação sobre Saúde Coletiva e Atenção Primária: o desafio da produção da série televisiva “Unidade Básica”. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, p. e200607, 2021. Disponível em: scielo.br/j/icse/a/HKH5X5f5bCK5LHj9cr3hxqw/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 26 Fev. 2024.

PERES, W. S. Violência, Exclusão e Sofrimento Psíquico. In: RIOS, L. F. et al. **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA. 2004. Disponível em: <https://observatoriodh.com.br/wp-content/uploads/2020/08/anais-homossexualidade.pdf>. Acesso em: 25 Ago. 2024.

PEREIRA, C. A. M. O impacto da AIDS, a afirmação da "cultura gay" e a emergência do debate em torno do "masculino" - fim da homossexualidade?. In: RIOS, L. F. et al. **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA. 2004. Disponível em: <https://observatoriodh.com.br/wp-content/uploads/2020/08/anais-homossexualidade.pdf>. Acesso em: 25 Ago. 2024.

PINHO, O. A Guerra dos Mundos Homossexuais – resistência e contra-hegemonias de raça e gênero. In: RIOS, L. F. et al. **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA. 2004. Disponível em: <https://observatoriodh.com.br/wp-content/uploads/2020/08/anais-homossexualidade.pdf>. Acesso em: 25 Ago. 2024.

PIRES, M. DA C. F.; SILVA, S. L. P. DA .. O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 127, p. 607–616, abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/s66hjCWqgBRckwwj5MGzztp/#>. Acesso em: 25 Ago. 2024.

PORTINARI, D. B.; WOLFGANG, S. M. B. M. Imagens e marcas: um imaginário ligado à epidemia de HIV-AIDS no Brasil. **Revista ALCEU**, [S. l.], v. 17, n. 34, p. 45–6, 2017. Disponível em: <https://alceu.emnuvens.com.br/alceu/article/view/132>. Acesso em: 25 Set. 2024.

_____. A cena do risco. **Triades em Revista: Transversalidades, Design e Linguagens**, [S. l.], v. 2, p. 1–20, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/triades/article/view/42696>. Acesso em: 25 Set. 2024.

RAMARI, T. H. A AIDS no cinema: uma análise do regime de imagéité no longa-metragem experimental Blue. **Domínios da Imagem**, [S. l.], v. 14, n. 27, p. 336–353, 2020. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/43452>. Acesso em: 26 Fev. 2024.

RODOVALHO, A. G. *et al.* Alterações de saúde mental em pessoas que vivem com HIV/AIDS. **Perspectivas em Psicologia**, [S. l.], v. 22, n. 2, 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/46557>. Acesso em: 02 Out. 2024.

RODRIGUES, A. P. F. ENTRE A SÉTIMA ARTE E A REALIDADE: UMA ANÁLISE DA PANDEMIA DE HIV/AIDS NO CINEMA PARA A IDENTIFICAÇÃO DE DESAFIOS LEGAIS. **Monografia (Graduação em Direito)** - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/72927>. Acesso em: 26 Fev. 2024.

RUBIN, Gayle S. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p. 1-81, 2003. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/handle/123456789/2742?mode=full>. Acesso em: 01 Abr. 2025.

SÁ, E. C.; TORRES, R. A. T. Cinema como recurso de educação em promoção da saúde. **Revista de Medicina**, São Paulo, Brasil, v. 92, n. 2, p. 104–108, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/79580>.. Acesso em: 12 Ago. 2024.

SALES, T. A. A AIDS como dispositivo: linhas, te(n)sões e educações entre vida, morte, saúde e doença. **Pro-Posições**, v. 33, p. e20210073, 2022. Disponível em: scielo.br/j/pp/a/4Z9RTFM6sdgQ8KtHFrJ7Btp/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 26 Fev. 2024.

_____. Mesclando imagens, criando narrativas outras: educações menores em HIV/AIDS e(m) filmes. **Estudios LGBTIQ+, Comunicación y Cultura**, v. 3, n. 1, p. 35–46, 6 jul. 2023. Disponível: <https://revistas.ucm.es/index.php/ESLG/article/view/88085>. Acesso em: 26 Fev. 2024.

SALES, T. A.; ESTEVINHO, L. de F. . D. Carta para além dos muros biológicos: pistas de uma biologia menor e afetos possíveis com um documentário sobre HIV/AIDS. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 290–311, 2021.. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/484>. Acesso em: 28 Fev. 2024.

SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. Manual da AC. In: *Análise de Conteúdo Categoral: Manual de Aplicação*. Brasília: Enap, p. 6-144, 2021. Disponível em: https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6542/1/Analise_de_conteudo_categorial_final.pdf. Acesso em: 2 Jun. 2024.

SEFFNER, F. Guerras de trincheira e guerras permanentes na resposta à AIDS. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 225-230, jan./mar. 2023. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/57579>. Acesso em: 02 Jun. 2024.

SERAFIM, R. A. Teoria da comunicação social do conceito de saúde. **Boletim do Instituto de Saúde - BIS**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 11–15, 2010. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/bis/article/view/34021>. Acesso em: 30 Set. 2024.

SILVA JUNIOR, A. L.; MAURO, B.; MONTEIRO, S. 'Irmandade travesti é a nossa cura': solidariedade política entre travestis e mulheres trans no acesso ao cuidado em saúde e à prevenção ao HIV. **Saúde em Debate**. v. 46, n. spe7, pp. 103-116. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2022.v46nspe7/103-116/#>. Acesso em: 15 Set. 2024.

SILVA, L. B.; BICUDO, V. Determinantes sociais e determinação social do processo saúde-doença: discutindo conceitos e perspectivas. In: SANTOS, T. V. C.; SILVA, L. B.; MACHADO, T. O. (Orgs.). **Trabalho e saúde: diálogos críticos sobre crises**. Rio de Janeiro: Mórula, 2022. p. 115-131. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/51905>. Acesso em: 27 Dez. 2024.

SILVA, R. C. B. Cinema e produção de sentidos: a narrativa de memória como recurso de representação de pacientes soropositivos. Minas Gerais: **Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0808202315061564d28417b9385.pdf. Acesso em: 26 Fev. 2024.

SOBRINHO, A. G.; CURTOLO, C. MODOS DE REPRESENTAÇÃO DO HIV/ AIDS NO DOCUMENTÁRIO QUEER NOS ESTADOS UNIDOS (1980/1990). **Revista GEMInIS**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 4-30, 2021. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/568>. Acesso em: 26 Fev. 2024.

SONTAG, S. AIDS e suas metáforas. In: **Doença como metáfora**. São Paulo. MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 17, n. 1, p. 119-140 140. Companhia das Letras, p. 81-151, 2007. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2017/10/susan-sontag-doenc3a7a-como-metc3a1fora-AIDS-e-suas-metc3a1foras.pdf>. Acesso em: 02 Jun. 2024.

SOUSA, A. N. Da epidemia discursiva à era pós-coquetel: notas sobre a memória da AIDS no cinema e na literatura. Rio de Janeiro: **Anais do II Seminário da Memória Social**, 2016. Disponível em: seminariosmemoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/B019-ALEXANDRE-NUNES-DE-SOUSA-normalizado.pdf. Acesso em: 26 Fev. 2024.

SOUZA, B. B. *et al.* A Política de AIDS no Brasil: uma abordagem histórica. **JMPHC - Journal of Management & Primary Health Care**, v. 1, n. 1, p. 23–26, 2010. Disponível em: <https://jmphc.com.br/jmphc/article/view/90>. Acesso em: 27 Dez. 2024.

SOUZA, D. DE O.; SILVA, S. E. V. DA .; SILVA, N. DE O. Determinantes Sociais da Saúde: reflexões a partir das raízes da "questão social". **Saúde e Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 44–56, jan. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/YJcDtBH4hX3prjZDtXCSMPk/?lang=pt#>. Acesso em: 25 Ago. 2024.

SPINK, M. J. P. A construção social do saber sobre saúde e doença: uma perspectiva psicossocial. **Saúde e Sociedade**, v. 1, n. 2, p. 125–139, 1992. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/9gFTSRVWm5fWzv4kZfzPthF/?lang=pt>. Acesso em: 27 Dez. 2024.

TELES, Y. X.; COSTA, R. M.; SEVERIANO, M. F.. A INDÚSTRIA CULTURAL E INDÚSTRIA DA SAÚDE: UM OLHAR FRANKFURTIANO SOBRE A SAÚDE COLETIVA, NO ÂMBITO DA LÓGICA DO CONSUMO. Ceará: **Anais do XV Encontro Nacional da Abrapso**, 2009. Disponível em: https://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/157.%20a%20ind%20DAs%20cultural%20e%20ind%20DAstria%20da%20sa%20DAde.pdf. Acesso em: 26 Fev. 2024.

TONZAR, C. K.; RAMARI, T. H. AIDS e Linguagem: a Metaforização Militar da Doença na Revista Veja e na Revista Galileu. Porto Alegre: **Anais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0027-1.pdf>. Acesso em: 30 Set. 2024.

VALLE, C. G. Memórias, histórias e linguagens da dor e da luta no ativismo brasileiro de HIV/Aids. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), n. 30, p. 153–182, set. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/WtKZQKNbbkd3LwqxybS5W6f/>. Acesso em: 30 Set. 2024.

XAVIER, C. Mídia e saúde, saúde na mídia. In: **Caderno Mídia e Saúde Pública**. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública/FUNED. 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7744000/mod_resource/content/3/CADERNO%20MI%CC%81DIA%20E%20SAU%CC%81DE%20PU%CC%81BLICA.pdf#page=43. Acesso em: 30 Set. 2024.

ANEXO

APÊNDICE A - DECOMPOSIÇÃO DA NARRATIVA

O protagonista Suzano é estudante de biologia e está recém-chegado da França para visitar a irmã, enfermeira Maura, e o sobrinho Muriel, em comemoração às festas do fim do ano de 1982. Apesar dos segredos e distrações de Suzano não serem estranhos à família, a dispersão, o mistério e a solidão parecem maiores desde sua chegada. Os familiares querem convencer Suzano de que é uma boa ideia participar das confraternizações, mas ele coloca empecilhos.

É festa de réveillon na boate Genet. Humberto, que é videomaker, se posiciona atrás das câmeras, registrando a festa em que a juventude e a diversidade predominam no ambiente. Nas lentes, sorrisos, beijos e afetos preenchem as imagens, que se encerram nos olhos azuis de um homem fitando a câmera. Rose se apresenta naquela noite, com uma dublagem de “Um Homem Também Chora (Guerreiro Menino)”, na voz do cantor Gonzaguinha, no exato momento da virada do ano. Mesmo cheia de senso de humor e com palavras otimistas sobre o ano de 1983 que se anuncia, Rose rapidamente alterna para um estado de seriedade em cena, aparentemente descrente do que dizia, solitária em cima do palco, contrastando com o que foi dito e com a audiência que se abraça festejando a transição anual.

Oito meses se passaram. A esperança de renovação anual e o clima de liberdade sexual na boate se transforma em vazio e silêncio. Há desesperança entre os amigos de Rose, que estava no cartaz de desaparecida, vista pela última vez em 05 de Janeiro daquele ano. Humberto é procurado pelo homem dos olhos azuis registrados na sua câmera, antigo amigo de infância que o havia reencontrado na festa. O homem faz várias ligações em sua busca, mas sem sucesso. Humberto e Rose estavam desaparecidos.

No trabalho, Maura recebe ligações de Suzano, que persiste misterioso e não dá muitas informações sobre seu paradeiro. Suzano, que falava de perfil para o lado esquerdo do plano de tela, desliga a ligação com a irmã, coloca o telefone no gancho e vira para o lado direito, servindo como pose para um registro fotográfico. A foto registra uma ferida em seu pescoço¹⁹. Ele está mais magro e com menos cabelo.

¹⁹ A ferida em questão é o Sarcoma de Kaposi, manchas assintomáticas que indicam câncer desencadeado por um sistema imunológico prejudicado, como no caso de organismos vivendo com o vírus HIV que não estejam recebendo o devido tratamento com antirretrovirais.

FIGURA 7 - Suzano faz pose para registro fotográfico, destacando o sarcoma.



Fonte: Acervo do autor. Captura de tela.

Mais uma festa de réveillon na boate Genet, rumo ao ano de 1984. Jovens dançam na pista ao som de “Linda Juventude”, da banda 14 Bis (“Nossa linda juventude/ páginas de um livro bom...”). Diversidade sexual e demonstrações afetivas recheiam a cena noturna mais uma vez. A quebra dessa viva imagem se dá pela chegada de Suzano, de corpo magro e tossindo intensamente. Apesar de divergente, ele tenta não chamar atenção. Antes de sair, derrama no chão da boate as polaroids que contém os registros fotográficos de seu corpo magro e ferido. As imagens são localizadas e compartilhadas em mãos. A música vai se esvaindo e o clima volta a ser fúnebre. Fora da boate, Suzano é percebido pelo sobrinho. O homem está fraco, cai no chão e Muriel o resgata.

No posto de saúde, Maura encontra o filho Muriel, que, aos prantos, repassa a situação do tio. “Isso nunca aconteceu, é a primeira vez. Ele já chegou aqui morto”, diz a enfermeira Norma para a colega de profissão e irmã do falecido, sem explicitar muito. A sala em que está o corpo de Suzano foi isolada a pedido do médico plantonista, que o trancou antes de ir embora. “A gente não tá preparado aqui nesse posto. O médico não teve coragem de encostar no corpo”, complementa a enfermeira. Maura entra na sala em que o falecido irmão estava. Em carta, ele pedia para que as cinzas fossem levadas a sua casa de campo.

Lá, Maura e Muriel encontram Rose e Humberto. “Estamos aqui de pé por causa do Suzano. Agora todo mundo sabe. Ele deixou tudo pronto! (...) É disso que a gente vai morrer também”, revela Rose. Isolados na casa de campo de Suzano, os três amigos utilizaram a câmera de Humberto para registrar em vídeos o plano que pactuaram entre si: avisar sobre a AIDS, dos medicamentos que experimentaram, da observação e análise das mudanças operadas no corpo e, inevitavelmente, do cotidiano criado e da vida compartilhada durante aquele período.

Tudo registrado e devidamente guardado: os vídeos, as cartas, as fotos, as decorações da casa. Muriel, agora dono da casa de campo que foi palco de tanto afeto e sofrimento, preservaria as memórias e os registros, sem deixar que fossem esquecidos. Para ele, alguém precisava ver tudo aquilo, então ele seria esse alguém. O filme chega ao fim na parte externa da casa, onde Muriel comemora a chegada do ano de 1984 soltando fogos de artifício com outro garoto. O filme se encerra com um beijo entre eles. Algo demonstra resistir, talvez o amor.